
Quinta-Feira

— Um dia destes dou à praia aqui, devorado pelos peixes como uma baleia morta — disse-me ele na rua da clínica olhando os prédios desbotados e tristes de Campolide, os monogramas de guardanapo dos anúncios luminosos apagados, os restos de purpurina das boas-festas das montras, um cão que vasculhava, na manhã de janeiro, o monte de lixo de um edifício demolido: caliça, pó, pedaços de madeira, bocados de tijolo sem alma. Vinha a pé desde a avenida dos eléctricos, a cheirar os caixotes de fruta das mercearias num apetite brumoso e sôfrego de gaivota, como em criança, de regresso da escola, farejava o aroma ácido das drogarias ou a penumbra castanha, cor de sangue seco, das tabernas, onde um cego, de copo na mão, o seguia com as órbitas alarmanes e imóveis dos políticos nos cartazes, e pensou Trazem-me para a casa de saúde, empurraram por mim o fecho de latão do guarda-vento (Não se incomode, Não se incomode, Não se incomode), obrigam-me a esperar na sala repleta de cadeiras de couro com grandes pregos amarelos (cadeiras de velório, verifico eu), uma mesa de pernas em saca-rolhas, reposteiros pesados como arrotos de juiz e as visitas invisíveis do meu funeral cochichando gravemente pelos cantos, enquanto eles parlamentam em voz baixa com empregadas poeirentas que se devem limpar de manhã a si próprias com espanadores de penas, retirando das gavetas das barrigas maços de cartas antigas e caixas de costura de embutidos. A rapariga magrinha e feia do PBX, de cócoras atrás de um balcão de farmácia como uma coruja na sua gruta, desenhava corações enlevados num bloco: devia ter ido duas vezes seguidas ao cinema com o mesmo oficial de finanças míope, que morava num quarto alugado à Penha de França

e tirava por correspondência cursos de inglês, curvado para um caderno com bonecos (my garden, my uncle) diante de uma bica vazia. Disse-lhe o nome da mãe enquanto a outra, de língua de fora, aperfeiçoava um coração enorme, idêntico ao rótulo dos frascos de arear metais da época da avó: um batalhão de criadas de farda cinzenta friccionava com energia as maçanetas do andar de baixo: Esteja quieto com as mãos, menino, senão vou fazer queixa às suas manas. Cheiravam a sabão azul e branco, a açúcar amarelo e a pão de segunda, e à noite primos soldados, de grandes dedos de pedra de camponeses ou de pastores, vinham tocar-lhes à socapa o peito no portão do jardim.

— Terceiro quarto à direita — informou a coruja a esboçar uma flecha de cupido num sorriso lânguido de postal: as orelhas do oficial de finanças deviam arder por cima de uma soma de repente impossível, e ele ultrapassou uma espécie de copa onde duas enfermeiras arrulhavam, encostadas a um armário, como um casal de pombos num beiral: uma delas comia um bolo, de mão em concha para aparar as migalhas, e o sol da janela conferia às batas engomadas a alvura lisa do giz. Um sujeito de meia-idade cruzou-se com ele a examinar um balão de urina que segurava à altura dos olhos, como um lacrau morto, numa curiosidade pensativa. O odor de álcool, de medo e de esperança dos hospitais avançava e recuava no corredor, idêntico ao de um mar adormecido no qual flutuassem os gemidos sem som dos doentes, afogados pelos suspiros aflitos da família: Não quero aqui ninguém quando chegar a minha vez: enxotá-los com as sobranceiras para onde os não veja, aonde não chegue a sua insuportável amabilidade compungida, os seus cuidados excessivos, as pupilas amareladas pelo seu próprio pânico da morte. Ficar sozinho, de nariz no tecto, a esvaziar-me lentamente de mim: como me chamo, o sítio em que nasci, os anos que tenho, os filhos grisalhos que fornecem pormenores no corredor.

— Bom dia, mãe — disse ele

e pensou logo Como tu emagreceste catano, ao mirar os tendões do pescoço, a testa demasiado pálida, as veias salientes

dos braços, as íris verdes cravadas na almofada, redondas, a espiá-lo, o suor viscoso do nariz. A aliança dançava no dedo: Qual de nós a tirará daqui a pouco, a pousará no prato de louça da cómoda do teu quarto, sob o espelho, inundado de colares, de brincos, de anéis? Não tenho gravata preta para o enterro, só a de tricot cinzento de um Natal antigo, do tempo em que ainda usava casaco, se tomava a sério, escrevia intermináveis ensaios péssimos que ninguém leria, erichados de conceitos prolixos, de teorias confusas, de aproximações absurdas. O dedo invisível do editor roçou-lhe o braço:

— Talvez alguma coisa se possa aproveitar desses estudos.

— Como é que se sente? — perguntou numa voz derrotada, enquanto observava a mãe a pensar. As lágrimas estão já do outro lado dos teus olhos, deslizam por dentro da cabeça, para a garganta, num ardor ácido de bagaço.

— Não a achas com melhor aspecto? — perguntaram de súbito à sua esquerda e ele viu, sentada na única poltrona do quarto, entalada entre a cama e a janela, uma prima remota com um livro aberto nos joelhos: Aposto que és a única pessoa da família disposta a acompanhar um moribundo. Colados ao vidro os prédios feios, desbotados das Amoreiras: Ainda estaria viva quando chegasse a sua vez?

— Mais corada — confirmei eu —, mais cheia. E para mim mesmo, envergonhado: Desculpa mãe. Quando eu era pequeno e adoecia de gripe trazias-me a velha telefonia Philips do pai para o quarto, e eu ficava a escutar os programas de discos pedidos no torpor morno da febre. Os Novos Emissores em Marcha. Quando o Telefone Toca. Que Quer Ouvir? Pensa Como o teu cabelo era castanho, os gestos decididos, nesse tempo. Nunca deixarias, imaginava ele, que nos acontecesse mal.

— Os miúdos? — disse a mãe da infinita distância de dois metros. Havia botijas ferrugentas de oxigénio à cabeceira, um aspirador de secreções ao pé do lavatório, um ramo de flores numa jarra de vidro facetado, sobre um naperon.

— Óptimos, mãe, óptimos. Sem problemas.

— Sempre que os vou buscar ao colégio perguntam por si — e assaltou-o a certeza de que a mãe se apercebera da pausa, do segundo de espera, da mentira. Entravam no carro de roldão, empurrando-se um ao outro, como cãezinhos, para o beijarem. A porteira da escola, gorda, com cara de toupeira, sorria, na boutique ao lado uma senhora alta e ruiva acariciava com as longas unhas vermelhas um frasco estreito de perfume: Que tesão me dás.

— Onde é que vocês querem ir almoçar?

— Ao Pónei.

— À Tasca.

Mas a senhora ruiva veio à porta e a ternura dissolveu-se-lhe num ápice no furioso desejo daquele rosto de louça, da saia travada que aprisionava o leque de carne espessa das coxas. Através dos anos o colega de carteira do liceu sussurrou-lhe ao ouvido:

— É o que elas querem, pá: agarras-te ao colchão, apertas os dentes, e é para trás e para a frente, para trás e para a frente, para cebes, até os quadros se virem na parede.

— Devem estar enormes — afirmou a prima do fundo da cadeira, a retirar o tricot de um saco de plástico. A respiração da mãe tornara-se um assobio difícil, baixo, imperceptível. As falanges, azuis, moviam-se devagar no cobertor em reptações de insecto.

— Vou esta tarde para Tomar, mãe, ao congresso, volto no domingo à hora do jantar. Livre-se de se apaixonar pelo indiano manhoso do médico nestes três dias: não quero vacas sagradas na família.

Que falta de humor, catano, nem uma piada de jeito te sai, recriminou-se ele, graças pesadas como os pingos de chumbo das banheiras da insónia, parvoíces tolas de revista: preciso urgentemente de me reciclar no Charlie Hebdo. A prima espalhava cuidadosamente os romances no colo:

— São tão simpáticos, os indianos, tão delicados. Ó Fernanda, reparaste no bigode dele?

— Imensas metástases pulmonares — informou o doutor —, um derrame monstro na pleura. — (Parecia refe-

rir-se às anginas de um esquimó que nenhum deles conhecia.)
— O melhor é irem-se preparando para o que der e vier.

Mostrava radiografias, exhibia análises, fornecia explicações pomposas. A perfeição do nó da gravata irritava-me ao rubro: desabotoar-lhe o colarinho com um puxão, amarrotar o excessivo cuidado da camisa: a minha mãe vai morrer e este cabrão nas tintas.

Os olhos verdes fitavam-no impiedosamente da almofada.

— Já saiu o teu manual? — soprou ela a custo.

Um carro de pensos rebolou a guinchar no corredor, entrechocando como bilhas de leite as latas cromadas, cheias do silêncio fofo das compressas. Do quarto vizinho crescia um queixume rítmico, a ondulação de um gemido, um protesto que subia e descia de mulher: Tapem-me a boca para não gritar. Respondeu a contragosto:

— Ainda não, mãe, uma data de chatices na tipografia, as provas gatadas — pensando Lá vão os cínicos dos críticos cair-me em cima com a sua raivinha de impotentes, as resenhas minúsculas, anónimas, secas, sem retrato, nos jornais da tarde. Quando eu principiar a putrefazer-me considerar-me-ão primordial, entrevistar-me-ão, dissertarão sobre mim, seleccionar-me-ão para os aborrecidos cemitérios das suas selectas. Deu um passo em frente, afagou a mão da mãe: porosa, sem sangue, leve e dura como as raízes ocas das vinhas.

— As pessoas já não gostam de história, de poesia — suspira a prima por trás das agulhas de tricot, fabricando uma horrível camisola furta-cores, aos losangos, que ninguém vestiria (Muito obrigado mas agora não preciso, acho que o Francisco adorava). Não gostam de romances sem escândalos, sem palavrões, sem sexo: quanto mais porcaria melhor.

O cheiro das casas de saúde, pensou ele, põe-me um peso na testa, um desconforto, uma dor esquisita: quando fui operado às costas vi o meu pus num balde e apeteceu-me vomitar aos arrancos, de brucos na marquesa, o oco das tripas. O cirurgião conversava com o ajudante à medida que lhe remexia a sumaúma do corpo, e ele notava-lhes as botas de pano

idênticas às dos burros a fingir, formados por dois comparsas, no circo. Uma menina de saia de lantejoulas e sombrinha passeava num arame altíssimo, iluminada por um foco roxo e amarelo. Na plateia deserta, um palhaço rico, de boca vermelha, experimentava o saxofone.

— O pai? — perguntou ele, e as palavras pairaram muito tempo, adiante dos lábios, como uma escala de música.

O progenitor, de casaca e pálpebras sublinhadas a carvão, avançou até ao microfone em meneios miudinhos de mestre-de-cerimónias. Um cone de claridade azul, vindo do tecto, perseguia-o:

— Palavras para quê? — anunciou a alisar as farripas da calva entre os assobios fanhosos dos altifalantes. — É um artista português.

— Muito trabalho no escritório — explicou a mãe. — Deve passar logo por cá.

— A secretária dele já telefonou três vezes — esclareceu a prima —, mandou aquelas flores embrulhadas em celofane com uma fita cor-de-rosa nos pés.

A jarra de vidro facetado aumentou subitamente de tamanho: o pai estendeu a mão para um reposteiro coçado e ele e as irmãs saíram lá de dentro a correr, vestidos de tártaros, num turbilhão de cambalhotas e de pulos.

— Quietos — ordenou o pai —, estou a ler o jornal.

A careca severa, a cara fechada, o odor de água de colónia e de tabaco americano da roupa: e depois, de tempos a tempos, as viagens de negócios de que demorei anos a entender o motivo, a mãe trancada no quarto, estendida na cama (Uma enxaqueca, não é nada, vou já jantar), as visitas ao psiquiatra, o ioga, a macrobiótica, os jogos de cartas, a ginástica. E os meus olhos mudos a interrogarem-te nas costas Porque não voltas mais cedo para casa?

— Talvez passe cá logo — suspirou a mãe —, talvez passe logo em toda a parte.

A doença boleara-lhe as arestas da voz, tornara-a doce, suave, delicada como o canto de um búzio: Mozart, la mer ou l'écho de vos rêves: reclame de uma marca qualquer de gira-

discos franceses, lido numa revista no dentista. Aproximou-se da janela, espreitou para fora: uma mulher de avental depenava uma galinha na rua (a cabeça do bicho, dependurada, oscilava ao ritmo sem ritmo dos seus puxões), dois cães, instalados nas patas traseiras, contemplavam-na de longe numa avidez submissa. Os edifícios das Amoreiras vogavam, desgovernados e feios, na neblina: cidade de merda, que não me piro enquanto é tempo?

— O almocinho — gritou uma criatura jovial, de tabuleiro metálico nos braços: canja, pescada cozida com grelos, uma pêra, um pires ao contrário a proteger o copo de água. As irmãs sumiram-se numa cambalhota derradeira, o pai experimentou o microfone com a unha:

— Comida de doentes — vociferou para um público de primas remotas, que tricotava instalado em volta nas bancadas de pau. — Cuidado, Fernanda, não se arrisque. Solicitamos à estimada assistência o máximo silêncio durante a perigosa refeição.

A criatura jovial principiou a subir à manivela a cabeceira da cama, como os tipos de farda azul que esticam a mesa alemã para os exercícios de saltos. O laço, teso de goma, do avental, vibrava-lhe no rabo à laia de uma asa de borboleta aprisionada.

— Quem vai papar o almocinho todo, quem é? — perguntou ela no tom irritantemente divertido de uma mestra de meninos. — Sopinha, pescadinha, perinha, uma delícia, a capsulazinha antes e o comprimido depois, já está.

— Ariops — berrou triunfalmente o pai num molinete do braço.

— As tuas irmãs também têm telefonado — disse a mãe a retirar cuidadosamente as espinhas em forma de aspa, muito brancas, da pescada. — Esta noite, com toda a gente que garantiu que aparecia, o quarto vai ser uma sociedade recreativa em terça-feira gorda: vou-me divertir imenso.

Uma orquestra de parentes idosos, de casaco de palhetas prateadas, tocava um bolero lento ao pé do lavatório, com a expressão impassível ou vagamente aborrecida dos mú-

sicos de bar. À luz velada do candeeiro de folhos da mesa de cabeceira, enodado de manchas, as enfermeiras, os médicos, os tios graves conversavam baixinho, mastigavam croquetes espetados em palitos, aproximavam e afastavam, ao acaso, os rostos pálidos e lunares. O doutor indiano dançava com a prima do tricot num recato digno de termas, quando arredam as mesas da sala de jantar para lúgubres serões de violoncelos tristes.

— Quietos — repetiu o pai —, estou a ler o jornal.

A mãe sorriu inesperadamente: a infância escorregou-lhe, lenta, ao longo da boca, como a água num desnível de tábuas:

— Não te preocupes — disse ela —, tratam tão bem de mim aqui.

Ele saía de casa com a mala cheia de rótulos de hotéis estrangeiros e tu ficavas sozinha, minúscula a um canto da cama enorme, a ler grossos livros ingleses incompreensíveis, romances, histórias de guerra, um homem e uma mulher a beijarem-se sem vergonha na capa. Voltava três, quatro dias depois, queimado do sol, com um resto de luz estranha nas pupilas alheadas. Eu ia vê-lo fazer a barba de manhã, em calças de pijama e tronco nu, fascinado pelo brilho da navalha. Usava Fixador Azevichex O Produto Favorito do Homem De Sucesso, e gargarejava impetuosamente, de nariz no ar, contra a cárie, a piorreia e o mau hálito: Quando eu for grande mando calar toda a gente para ler o jornal. Os cães das Amoreiras, diante da clínica, farejavam no nevoeiro as penas da galinha, um resto de sangue, o montículo gelatinoso e repelente das tripas. A mãe marcava o livro com um bilhete de eléctrico, apagava a luz, e eu tinha a certeza de que os olhos dela permaneciam abertos no escuro, resplandecentes e fixos como os dos mortos nos retratos. Um telefone principiou a chorar como uma criança numa mesinha baixa junto dele.

— Sim — respondeu a prima que se apoderou velozmente do auscultador como um elefante do seu molho de cenouras. — Sim. Sim. Não, passou bem a noite, o médico visita-a logo à tarde. Se houver alguma alteração eu aviso-te.

O pai, a vaga culpabilidade do pai, a preocupação distraída do pai, a amante de que conhecia apenas a voz rouca e densa, como se uma lamparina de álcool lhe aquecesse permanentemente a garganta. Uma vez por mês almoçavam juntos num restaurante ao pé do escritório dele, sem falar, comendo silenciosamente num incómodo que se apalpava, que crescia. A calva inclinada para o prato luzia como um bule. As bochechas aumentavam e diminuía, elásticas, enquanto mastigava, e vinham-me à ideia dias longínquos de infância, na quinta (a sombra móvel das árvores no chão, o odor seco das folhas e da terra), e um homem novo, magro, alegre, cujas gargalhadas se espalhavam no sossego da tarde, trotando, comigo às cavalitas, a caminho de casa. Pensa: Vamos voltar o filme para trás, recomeçar. A prima tapa o bocal com a mão:

— Queres dizer alguma coisa ao teu marido?

O talher de peixe estremece sem responder, agarro no aparelho:

— Pai.

As sílabas chegam do outro lado, dentro do seu ouvido, nítidas e precisas como as paisagens gravadas a estilete numa placa de bronze:

— Como está ela?

O homem novo, magro e alegre, deu lugar a um senhor de idade que engordava, apertando constantemente os cabelos ralos contra as têmporas:

— Melhor, pai, melhor. Não se preocupe.

Sentado nos teus ombros quase tocava os ramos dos castanheiros com a cabeça, aureolado de luz à maneira dos santos dos milagres, enquanto uma eternidade de fotografia me imobilizava o sorriso que encontro, tantos anos depois, no espelho do quarto, a troçar-me numa careta azeda: como eu cresci, caraças, como o cabelo, por meu turno, me começa a faltar também: tento calcular de memória a idade do pai nessa época (serias mais novo do que eu hoje?) e a voz baralha-lhe as contas através dos furinhos de baquelite do telefone:

— Ouvi dizer que ias sair uns dias.

Percebia-se o ruído das máquinas de escrever do escritório, gente debruçada para as mesas, o desodorizante da secretária transformando o espaço livre, salas, paredes, corredores, num enorme sovaco depilado e morno: Já a comeste, velho?

— O quê? — pergunta o pai.

— Nada, estava a dizer que sigo agora mesmo para Tomar. Um congresso sobre o século XIX, sabe como é.

A minha irmã contou-me que tinhas outra casa com outros filhos, outro televisor, outros óleos, outra mesa de gamão, outro pote de Fixador Azevichex O Produto Favorito Do Homem De Sucesso, outro jornal. Escrever é uma coisa idiota, entendes, quando não se ganha o Nobel: tira o cursozinho.

Houve uma pausa e a voz do senhor careca respondeu a hesitar:

— Realmente nestes telefones não se percebe nada.

— Não tem importância, sigo agora mesmo para Tomar.

— Hum — rosnou o pai, desconfiado.

E ele adivinhava-lhe os olhos escuros, atrás dos óculos, a calcularem sem acreditar: Tinha de mentir-te, tinha sempre de mentir-te, não suportavas que eu fosse diferente de ti, que arranhasse versos, que preferisse ser professor num péssimo liceu dos subúrbios, a uma miséria por mês, a trabalhar na companhia, composto, de gravata, como os outros da tribo. Às vezes consolava-me pensar que o homem novo e alegre, que passeava comigo na quinta, me teria entendido: íamos os dois até ao muro coberto de cacos de garrafa, e permanecíamos fascinados a olhar o saguim do vizinho, preso à casota por uma corrente de cão, a figueira suspensa sobre o poço, a tranquilidade lilás dos fins de tarde, muito para lá das estátuas de loiça do jardim e das cadeiras de lona desbotadas da família, ao acaso na relva. Os pavões da mata gritavam angustiadamente ao longe:

— Têm medo da noite — explicava o pai —, têm medo de poder sonhar.

Pensa O tipo que me levava às cavalitas pode bem acontecer que percebesse, percebia com certeza: quem conhe-

ce os pavões compreende um mau poeta à légua. Pensa Chiça, o que eu gostava de dizer e não consigo. Pensa A ausência de coragem é uma grande porra.

— Quando é que voltas? — questiona o pai como se remexesse um pauzinho cruel numa ferida infectada.

— No domingo, acho eu — declara ele.

E emenda, irritado consigo mesmo (Como vês tenho medo de ti, não sirvo para dirigir nenhuma empresa), numa afirmação categórica:

— No domingo sem falta.

Domingo era a chatice da desocupação, o quarto dos brinquedos revolvido, o corpo a arrastar-se, maçado, pelos cantos. A mãe jogava as cartas com as amigas, na sala, numa cintilação de pulseiras e de brincos, as bocas pintadas conversavam, como periquitos, de filhos, de criadas, dos empregos dos maridos. Mãe. E agora estava ali a morrer no outono de Campolide, num quarto de clínica, diante do tabuleiro de espinhas do almoço, que a prima colocou ao pé da jarra das flores antes de se afundar de novo, distraída, no tricot.

— Pelo sim pelo não deixa o número de telefone aí — ordena o pai. — Já sabes como estas coisas são: pode ser que de um momento para o outro haja necessidade de falar contigo.

As amigas das cartas desatam a rir em coro, inclinadas para trás nas cadeiras de veludo vermelho: um grupo de caras brancas, pensa ele, em torno do cadáver do palhaço pobre, cujos enormes sapatos apontam para a lona esburacada do circo, comoventes e ridículos. Um burro formado por dois tios trota a relinchar à roda da arena, agitando para a esquerda e para a direita a estopa cor-de-rosa das crinas. O caseiro, de bigodes postiços, vestido com uma pele de tigre de plástico, exhibe a tatuagem desenhada a esferográfica do braço e ergue, numa trovoada de aplausos, a cama em que a mãe agoniza, magra e leve como um pardal no outono.

— Claro que sim, pai, na recepção — promete ele.

O pai desliga sem responder, e eu fico com o telefone mudo encostado ao ouvido, imóvel como uma concha sem mar. A voz aborrecida da rapariga do PBX pergunta.

— Pediu alguma chamada?

e ele olha com espanto o aparelho, admirado pelo grilo falante que o questiona do interior, imperativo: o fiscal das finanças, se ela o conseguisse pescar, ia sofrer das boas.

— Não, obrigado, acabei agora mesmo — gaguejo eu à pressa pousando o auscultador no descanso (plim, canta uma campainha murcha) e defrontando-se de novo no espelho com o seu rosto que envelhece, os óculos, o cabelo ralo sempre oleoso apesar dos sucessivos champôs, as rugas ainda jovens dos trinta anos cavando o seu caminho nas bochechas e na testa: daqui a mais uns tempos estou frito. Pensa nos homens de idade em fato de banho na praia, de mamas flácidas e ventre mole sobre as pernas fininhas desprovidas de pêlos, a trotarem para a água numa jovialidade empenada, nos que entram nos restaurantes caros acompanhados de raparigas novas, e lhes cochicham sobre o bife intimidades sorridentes, pensa que no mês passado viu uma mulher loira a conduzir com ar proprietário o automóvel do pai, e que o sangue lhe desatou a bater com força nas têmporas, furibundo: Montou-lhe casa e eu com duas assoalhadas em Campo de Ourique, quatro inquilinos por andar, os caixotes do lixo sempre entornados à porta, cães vadios, ciganos, lama, a roupa pendurada das janelas, mole e feia, entristecendo a manhã, livros e jornais por toda a parte, cinzeiros sujos, o cheiro da comida frita na cozinha: foda-se. Senta-se na cama da mãe e acaricia-lhe o pé por cima dos lençóis, os ossos estreitos, os dedos, as canelas saídas. Minha velha. Os olhos claros da doente, desfocados por uma espécie de nevoeiro interior, observam-no simultaneamente de muito longe e muito perto como os animais aprisionados do Jardim Zoológico. Uma espumazinha rosada incha e desincha nos ângulos da boca. Pensa Como ficaram distantes as partidas de canasta, como o teu rosto adquiriu uma densidade insuspeitada, como o teu pescoço frágil estremece.

— Vou andando, mãe.

Nunca tivemos tempo, não é, uns para os outros, e agora é tarde, estupidamente tarde, ficamos assim a olhar-nos, ausentes, estrangeiros, cheios de mãos supérfluas sem bolsos

para ancorar, à procura, na cabeça vazia, das palavras de ternura que não soubemos aprender, dos gestos de amor de que nos envergonhamos, da intimidade que nos apavora. Uma camioneta ocupa completamente a janela do quarto na manhã decrepita, e a cara do condutor, opaca e neutra, colava-se quase ao branco amarelado das cortinas, à pele de vidro dos espelhos, aos móveis impessoais pintados de creme, à pipeta da campainha suspensa sobre a cama num desânimo entrançado. A mulher loira que guiava o automóvel do pai cruzou o tecto, de vara nas mãos, em equilíbrio num arame esticado: caute-la Dolores, não se arrisque. Nuvenzinhas de giz tombavam a cada pirueta das sapatilhas doiradas.

— Até domingo, mãe — disse ele, e pensou Nunca é agora entre nós, é sempre até domingo, até sexta, até terça, até ao próximo mês, até para o ano, mas evitamos cuidadosamente enfrentar-nos, temos medo uns dos outros, medo do que sentimos uns pelos outros, medo de dizer Gosto de ti. A camioneta desapareceu e no lugar dela surgiu de novo o reboco desfeito das fachadas melancólicas das Amoreiras, as varandas sem graça, a palidez inchada e ocre do céu, a tabuleta oscilante de um barbeiro: Salão Gomes. A prima veio atrás dele até ao corredor, confidencial:

— O médico dá-lhe uma semana no máximo, querido.

— O enfarte apanhou o coração quase todo — elucidou o indiano no centro da pista, para a família que aplaudia, entusiástica, das bancadas.

Retirou do bolso um volume vermelho, arredondado, que sangrava, e exibiu-o vagarosamente em torno:

— A distinta assistência faça o obséquio de reparar.

O burro de pano dos tios veio a trote farejar o coração, e o doutor afastou-o com um pontapé do seu sapato gigantesco de anhuca. As calças demasiado largas e curtas deixavam ver as meias de listras vermelhas e os pêlos enormes, postiços, das pernas. O maqueiro que trouxera a mãe para a clínica, mascarado de vendedor de balões de gás, impingia de fila em fila as suas esferas coloridas. Uma enfermeira surgiu a correr

de seringa em riste, sumiu-se num quarto dos fundos, e a prima e ele tiveram que se espalmar contra a parede no corredor sombrio, em cujo tecto bailavam para cá e para lá manchas pálidas de sol.

— Uma semana no máximo — repetiu a prima. — Já viste como ela definha de hora a hora?

— Este coração não presta — berrou o indiano em entoação de banha da cobra numa feira, num intervalo das gargalhadas do público que se ria do burro estendido no chão, de barriga para cima, a espernear. — Este coração não presta mas qual é, damas e cavalheiros, o coração que presta? Ora tenham a bondade de atentar no meu.

Extraiu de debaixo da camisa uma bola amarrotada de feltro, que aumentava e diminuía ritmicamente accionada por um mecanismo qualquer, ergueu-o ao alto Para que a selecta assistência o possa ver, se alguém quiser tocar que desça à pista, e nesse momento uma criatura coberta de serapilheira surgiu a tropeçar de uma cortina, roubou-lhe a bola com uma palmada, e enfiou-se a trote, nas canelas escanzeladas, por uma porta miudinha.

A morte, pensou ele. Sempre imaginei que fosse um anjo. Ou uma mulher de cabelos loiros. Ou um homem muito velho com uma foice na mão.

— Eu deixo o telefone na recepção para o caso de ser precisa alguma coisa — disse à prima que o olhava com órbitas baças e ásperas de pedrês: Tenho de chegar a Tomar antes da hora do almoço. Apoiou o ouvido ao umbral, não escutou nada: a mãe devia ter adormecido um sono ligeiro, sobressaltado, de esquilo, no meio das suas revistas inúteis de doente. Uma semana no máximo. Ao longo do corredor as paredes fitavam-no com ódio: Vais-te embora. Doutor Oliveira Nunes, doutor Oliveira Nunes, chamou uma voz atrás dele. Na copa a enfermeira dos bolos, sentada num banco rotativo, envernizava as unhas, soprando pela ponta dos beiços nos dedos já prontos.

Uma empregada de uniforme castanho, dobrada para a frente, empurrava uma enceradora como um cortador de rel-

va sem motor: que estupidez a agonia de manhã, durante o café com leite e a ensonada arrumação da casa, quando o universo adquire o inofensivo tamanho de uma chávena de café vazia, que chatice deixar de respirar antes do sinal horário das doze que é como o Cabo Bojador do tempo, quando se sacodem os tapetes nas varandas e os vendedores ambulantes pesam o peixe e a fruta, em grandes gestos de honestidade espectacular, no outono húmido de Campolide. Deixou um papelinho escrito (Se for necessário estou aqui) à funcionária magra do PBX, empurrou o guarda-vento que chiava nos gonzos à laia de um joelho difícil, e saiu para a rua cinzenta sob o céu cinzento de zinco. Na loja aberta do barbeiro os metais cintilavam, multiplicados, nos espelhos, as tesouras voavam sobre os cabelos abrindo e fechando os grandes bicos aguçados. Procurou com os olhos a janela do quarto da mãe e encontrou uma fieira de peitoris idênticos, de pintura desmantelada, estores oblíquos, telhados sem pombos, uma chaminé negra que tossia: que morresse em casa ao menos, na grande cama de casal onde eu gostava de me deitar, quando era pequeno, nas semanas de gripe, tentando fazer coincidir o meu corpo minúsculo com a cova do corpo do pai, enquanto tu de pé, junto à cómoda, somavas números num livro quadriculado de capa preta. As brasas desfeitas da lareira estremeciam a espaços vibrações alaranjadas. Os quadros da sala, emoldurados em talha, representavam paisagens, curvas de rios, árvores, igrejas ao longe. Vieste acabar longe do pano verde da mesa de canasta, dos cães de porcelana, dos retratos redondos dos filhos pendurados de uma espécie de arbusto de prata, longe das criadas, dos bassets, do óleo de São João Baptista da sala de jantar. A enfermeira do bolo soprava as unhas pintadas encostada à secretária do escritório do pai, o odor enjoativo dos medicamentos inquinava a comida. Começou a trepar vagarosamente a calçada na direcção da avenida dos eléctricos: Deixei o carro em transgressão, a cavalo no passeio, Deus queira que não mo tenham multado. A tristeza da manhã escorria para a cara e para a roupa das pessoas, o trânsito deslizava sem rumor junto ao seu flanco como um grande animal

múltiplo e suave: daqui ao apartamento de Campo de Ourique a buscar a Marília e depois a estrada sem fim para Tomar, sempre repleta de tractores, de camionetas, de motorizadas, de cães: duas ou três horas de automóvel junto dela, de que é que vou falar o tempo todo? Trago-te comigo a Tomar para te dizer que já não gosto de ti. Imaginam logo que há uma mulher qualquer: Não há mulher nenhuma, quero estar sozinho uns meses, a pensar, depois se vê, tenta entender. E o perfil dela, calado, tenso, duro, a recriminar-me em silêncio de quatro anos de expectativas frustradas: sempre tão fácil começar e tão difícil acabar: e depois os telefonemas intermináveis, as acusações, as súplicas, os gritos, a eterna chantagem sibilina do costume: Se me acontecer alguma coisa não te sintas culpado. Chegou ao cimo da calçada, junto a uma banca de jornais tripulada por um sujeito imundo de muletas, com o emblema do Benfica, a quem faltavam dedos na mão esquerda, a pular numa única perna como um gafanhoto coxo. Em frente dele um cavalheiro digno folheava hesitante uma revista de nus, demorando-se no retrato colorido da página central, e ele lembrou-se das irmãs, bem casadas, sérias, tricotantes, reproduzindo já o modelo da mãe (o mesmo género de amigas, o mesmo género de interesses, as cartas, o Algarve nas férias, os filhos): espreitou por cima do ombro do cavalheiro digno, Grande par de mamas caramba, e pensou Como serão elas na cama com os maridos, à espera, resignadas, que eles tirem o relógio, esvaziem os bolsos, se dispam devagar, alinhem a prega das calças na cadeira, se estendam por fim de barriga para cima, a remoer as peripécias financeiras da empresa: pelo menos sei sempre quando queres fazer amor Marília, sinto no pescoço a tua respiração aflita, encontro a ansiosa urgência do teu corpo no meu sangue, vejo a líquida agonia dos teus olhos, Apaga a luz, formas vagas que se confundem na escuridão azul, um braço que acena, um cotovelo, a tremura dos pés, estou em ti como uma caneta Parker no estojo, agora agora agora agora agora mais depressa vem-te que bom. Pensa E isso chega? Pensa Nunca me apetece voltar depois das aulas para casa, subir as escadas, meter a chave à porta, surges

na moldura da cozinha a remexer qualquer coisa num tacho, Olá amor, eis os móveis do costume, os objectos do costume, a televisão acesa sem som e um tipo qualquer com olhos de robalo a perorar em silêncio lá dentro, Vou-me embora, adeus, ou fico, qual é a alternativa, ir para onde, serei mais feliz sozinho, conseguirei alguma vez ser feliz com esta inquietação de sempre nas tripas, esta espécie de colite da alma, este desassossego de entranhas, rodo o botão do som, a adesão de Portugal ao Mercado Comum, torno a calá-lo, as lombadas dos livros irritam-me, o contador irrita-me, as bonecas de pano irritam-me, o sofá demasiado fofo irrita-me, vou à janela espiar a tranquilidade da rua, os carros imóveis sob os candeeiros, a pele lunar dos prédios, como farão os outros para aguentar a pastilha, os casais que conheço viverão intimamente satisfeitos consigo, lograrão lavar os dentes de manhã numa esperança relativa, qual é a solução quando nada mais há a conhecer, a descobrir, a inventar, foram quatro anos muito agradáveis, desculpa, mas acho melhor separarmo-nos, e a tua cara, de tacho na mão, boquiaberta de espanto, primeiro, a enrugar-se de dúvida, de incredulidade, depois, Deves ter bebido diz ela, Não bebi nada digo eu. De qualquer maneira guarda a conversa para logo que não tenho pachorra agora diz ela, Falo o mais a sério possível digo eu, e a voz treme, Vai à fava diz ela da cozinha a regular o bico do fogão e os azulejos ampliam-lhe o grito, estilhaçam-no em mil partículas agudas, reproduzem-no num mosaico miúdo de raiva, sento-me no sofá e penso Que desilusão esta sala, que fúnebre a imitação do Picasso da época rosa na parede, que feia a tua escrivainha de gavetas, o cavalheiro digno fecha a revista, pousa-a de novo na banca dos jornais por trás da qual uma rapariguinha de oito ou nove anos mastiga uma sanduíche de fiambre a medir-me com as pupilas gigantescas, fixas e escuras, pensa Vai chover, esta humidade no ar é prenúncio de chuva, os edifícios das Amoreiras desbotar-se-ão ainda mais, empalidecerão ainda mais, tornar-se-ão ainda mais feios, idosos e tristes, encontra o automóvel, sem aviso de multa no pára-brisas, entre uma motorizada e um carro americano dos anos cinquenta de vidros verdes com um

homenzinho de chapéu lá dentro, deve usar pulseira, fio, cinco anéis e a fotografia da esposa e dos filhos Pensa Em Nós no tablier, deve estar à espera da amante que se oxigena no cabeleireiro do segundo esquerdo, o homenzinho de chapéu atarefava-se com os botões da telefonia do carro, um jorro de música, de assobios, de vozes distorcidas emergia abafado lá dentro, abriste a porta do teu lado, sentaste-te diante do volante, Que desconfortável este banco e agora para Campo de Ourique a buscar a Marília, as malas, a tua nula vontade de partir acompanhado, o hotel de Tomar, as caras conhecidas e desconhecidas, a atrapalhação da chegada, o horrível comprimento da noite à tua ilharga, encostado ao penedo adormecido dos teus rins. Desceu o Arco do Carvalhão a travar sempre (Há qualquer coisa que não funciona nesta geringonça, um dia destes quebro os cornos num muro e acabam-se as porras, as hesitações, as aulas, os ensaios, os arrotos enjoados dos sacanas dos críticos) e virou num anúncio luminoso, depois da esquadra da polícia com o seu inofensivo soldado de chumbo de metralhadora a vigiar a entrada, na direcção da Rua Azedo Gneco através da geometria sem graça do bairro, das suas capelistas e leitarias manhosas, a cheirarem a cadernos de duas linhas e a queijo da serra estragado. Em frente do prédio dele um grupo de garotos jogava à bola no alcatrão. Uma velha com um cão obeso e um livro de missa entrou na pastelaria vizinha para a torrada eucarística. O céu aclarava-se do outro lado do rio, por entre borbotões fuliginosos de nuvens: os cagalhões das chaminés do Barreiro, pensou ele, viva Portugal industrial. Da casa de um amigo avistava-se o cais e as fábricas da margem oposta, e eu debruçava-me do peitoril, à noite, enquanto os colegas falavam de literatura, de política e de música, encharcados de conhaque de má qualidade e de nauseabundos cigarros franceses sem filtro, a olhar o céu de ardósia do carvão: foi no primeiro ano em que vivemos juntos e desejava tanto o teu corpo nessa altura que ficava parado, de pé, na sala, a observar-te maravilhado com os teus gestos, o teu sorriso, a curva estreita dos ombros. Catano as vezes que escrevi o teu nome, com o indicador, nas janelas do inverno, enquanto as letras es-

corriam para os caixilhos como se chorassem, lentamente peraltas de uma espécie de lágrimas. Fechou o carro e cruzou a rua na direcção do edifício de gaveto que detestava, e pensou: Campo de Ourique habita-me irremediavelmente os ossos, acho que não seria capaz de morar longe destes quarteirões mornos e sem graça, desta triste prisão de fachadas desigualmente idênticas, construídas na pasta sem grandeza de um cenário de melancolias resignadas. O pai, fardado de cicerone, de barba por fazer e sapatos sem graxa, apontou à casa o indicador apressado, seguido por um cacho de japoneses risonhos e míopes:

— Morou ali quatro anos antes de aos trinta e três se separar da segunda mulher. Não havia filhos e não houve cenas: os vizinhos não repararam em nada, a porteira só veio a saber uma semana depois. A senhora levou a roupa do corpo e uma escova de dentes, alugou um apartamento em São Sebastião e deixou de ensinar. Parece que faz tenções de emigrar para Angola: o comunismo amoleceu-lhe o cérebro.

— Já? — comentou a Marília, surpreendida. Havia uma mala aberta em cima da cama (A mesma de quando te conheci, as coisas mudam tão pouco) e o tronco dela desaparecia no armário dos vestidos, em cuja porta de espelho se penduravam as gravatas e os cintos que eu não usava nunca: só blusas de quadrados, calças de ganga e canadiana, o uniforme da Esquerda: O velho é rico, o que dignifica a minha opção de classe. Um odor leve e adocicado evaporava-se das gavetas porque a tua água de colónia impregna tudo, até a ausência de ti quando te lembro. Converso, por exemplo, com um aluno, e o cheiro visita-me com tal intensidade que procuro a tua mão no meu braço e não estás, que palpo com um soslaio o ar em volta e não existes, e depois, a pouco e pouco, à medida que te afastas de mim no interior de mim, vou deixando de tropeçar no teu perfume, de me lembrar das tuas rugas no trabalho, de ter saudades tuas se almoço sozinho na cantina. A mãe principiou a distribuir as cartas da canasta, voltou a cabeça para mim e disse:

— Nunca aprovámos aquela ligação.

— Como vai a santa? — perguntou a Marília a arrumar uma pilha de camisas. — Não te esperava tão cedo.

A minha mãe recusava-se a receber-te e tu respondias-lhe com uma careta altiva: Não preciso desses fachos de merda para nada, mas quando eu ia lá no Natal e nos anos atiravas-me no regresso piadas sibilinas. Não passas de um pateta burguês, de um conservador intragável, vou queixar-me ao Partido. Uma noite fechou-se na retrete a chorar, ele espreitou pelo buraco da fechadura e lá estava ela a limpar com papel higiénico as pálpebras de repente grossas: apeteceu-me tanto abraçar-te, Gosto de ti Gosto de ti Gosto de ti, fazer amor assim mesmo, de pé, nos azulejos, discutir a complicação, que não entendia, da vida.

— O clínico promete uma semana — respondeu ele. — A gaita é que as semanas dos facultativos duram sempre três dias.

— Nunca calculei que eu acabasse assim — garantiu a mãe servindo o chá às amigas com o bule de prata da avó. — Imaginava qualquer coisa de mais agradável, de mais civilizado, de diferente, longe destas horríveis enfermeiras de unhas sujas e deste médico preto com ar de marido de Mahalia Jackson.

— Vocês já repararam que só lhe falta o chapéu alto? — questiona a minha irmã mais velha num risinho feroz. — Vamos todos cantar em coro um espiritual.

— Tira da gaveta as camisolas que tu queres — diz a Marília. — As tuas camisolas e eu nunca nos entendemos muito bem: dá ideia que escolho invariavelmente as que te irritam.

— Faltava-lhe em absoluto o sentido da cor — acusa a prima da clínica a vestir a mãe defunta, como um grande boneco de pano, de uma saia preta e cor de alface. — Coitada, era filha de um guarda-republicano, estava-lhe o mau gosto na massa do sangue.

A primeira coisa em que reparei na casa dos teus pais (tomava-se o autocarro quase até ao fim do mundo) foi na cor das paredes e na profusão de naperons, de fadas

de loiça e de Sanchos Pança de bronze, na ausência de livros, Marília, e no jardimzito mal tratado à frente, que os gatos destruíam nos seus passos leves de fazenda. Sentei-me envergonhadíssimo numa poltrona de costas forradas de crochet, com um cálice de vinho do Porto na mão, a conversar com o velho dela enquanto tu e a tua mãe punham a mesa do jantar, uma toalha de renda, brilhos de talheres, pratinhos de amêndoas e bombons. As mãos enormes do guarda-republicano demoravam-se, atrapalhadas também, nos botões da camisa, Não querem vir comer: sopa, carne assada, pudim instantâneo que tremia como duplo queixo a rir, o teu irmão pequeno a seguir-me de viés, desconfiado, a lanterna de ferro forjado no alpendre da saída, Boa noite muito obrigado, e outra vez o autocarro, agora vazio, a caminho do centro da cidade, e o rio lá em baixo, imóvel, povoado das pupilas dos barcos.

— Vamos chegar tardíssimo a Tomar — disse ele.

Aos domingos, portanto, ia a casa dos pais dela, gente sem cagança, sem peneiras, recebiam-me bem, estudávamos juntos nas escadas de pedra do quintaleco das traseiras, usavas um vestido de ramagens apertado nas ancas, víamos a tua mãe através do vidro fosco da porta da cozinha, a batalhar com as frigideiras sob o relógio eléctrico redondo cujos ponteiros se movimentavam sem ruído apressando o crepúsculo, o pai surgia de chinelos e casaco de pijama no caixilho da janela Não vêm para dentro sabichões, tinha sido agulheiro da Carris na juventude, o teu avô trabalhava no campo, e agora a filha, importante, a doutorar-se, a dar aulas na Faculdade aos ricos, a ajudar sem protestos nas despesas da casa, abria a carteira Tomem lá. E no entanto, pensou ele, eras bem do meio de onde vinhas, nunca topei com pés tão grandes como os teus, de unhas achatadas e largas, semeados de gretas, pés de palmípede na outra ponta do lençol ou esporeando-me as coxas se sobre ti me estendia, Vá vá vá amor vá que pele macia a tua, pila mais linda.

— Traz as tuas coisas da barba e é só fechar a mala — respondeu a Marília.

— A união entre pessoas de classes desiguais dá sempre bota — sentenciou a irmã limpando a boca do miúdo mais novo com um babete com o rato Mickey estampado.

Pois mas há cinco anos eu era idealista, entusiasta, um pouco pacóvio, saíra meio amachucado do casamento com a Tucha e acreditava na Revolução, pensou ele na casa de banho introduzindo num saco de plástico a gilete, a espuma, a escova de dentes, o pente com cárie que me acompanha desde sei lá quando, o champô que pelo menos me conferirá algum brilho à careca. O rosto dele, preocupado e sério, apareceu no espelho. A madrinha, vestida como as senhoras dos cãesinhos amestrados, sacode gravemente os brincos compridos e aponta uma moldura de veludo ao público:

— Acreditem ou não era um bebé lindo.

O marido, de agosto de soirée, surgiu por trás dela, apertou uma borracha nas calças de xadrez, e dois jorros de água surdiram em arco dos olhos:

— Quem podia prever que se ia suicidar assim?

A cara no espelho tentou um sorriso murcho como uma flor de herbário, corri os dedos desanimados pela calvície nascente. Pensa Aos trinta e três anos começar o quê? Havia um amigo que o receberia em casa, que lhe prometera uma cama na marquise (Com os putos não temos outro sítio, desculpa lá, percebes?) para as primeiras semanas, e depois? Os alunos, os quartos alugados, o cinema de tempos a tempos, o vazio.

— Há sempre uma esperança — berrou o pai de labita e chapéu de coco amolgado, retirando do nariz das crianças da primeira fila uma chuva de moedas.

— É para hoje? — perguntou a Marília do quarto.

Pensa Nem tu sonhas o que eu te preparo. Ou talvez fiques na mesma, as pessoas são tão imprevisíveis, sabe-se lá. Quando a Tucha me disse É melhor separarmo-nos estávamos a ver uma peça na televisão, de mão dada, na sala, e de repente um velho de barbas ia abrir a boca e escutei a tua voz em vez da dele, tranqüila, educada, sem arestas:

— Gostava que saíesses até ao fim do mês.

As feições no espelho arredondaram-se de espanto, serenaram: não sejam demasiado burguês, talvez que o divórcio te permita escrever finalmente o ensaio sobre o sidonismo que há tanto tempo projectas.

— Não sinto nada a não ser amizade — diz a Tucha — e quando não se sente nada, pffffff.

Largou-lhe a mão, acendeu um cigarro.

Pensa E agora?

— O mal deste rapaz — informa a mãe tomando nota dos pontos a sorrir — é que nunca soube fazer com que o amassem.

Levantou-se para desligar a televisão (a imagem diminuiu, diminuiu, diminuiu, até se tornar um pontinho luminoso que se evaporou no écran) e principiou a andar para um lado e para o outro entre o sofá e a cómoda. Pensa Não sou capaz de raciocinar, não vou ser mais capaz de raciocinar sobre isto, não se ordena assim a uma pessoa, depois de tanto tempo, Vai-te embora, tratar-me como lixo, como um bocado de merda que se varre para a rua. Um ódio imenso crescia-lhe nas tripas, Se imaginas que me levas as crianças podes pôr os patins. Pensa Cabra de merda andaste de certeza a endrominar isto com as amigas um porradão de meses, conversinhas, cochichos, telefonemas a um advogado conhecido, uma conspiração sórdida de pegadas, sozinha não embarcavas numa destas. Varreu com o braço tudo o que se acumulava em cima de uma cómoda Império, retratos e loiças escacaram-se com estrépito no chão:

— Que porra vem a ser esta? — gritou ele.

Fechou o saco de plástico, regressou ao quarto. A Marília fechara já a mala e observava, sentada na cama, o rosário de bolhas do tubinho de vidro do aquário, e o peixe transparente que estremecia, como uma folha, lá dentro:

— Deve ter febre — disse ela.

— Esse peixe sempre teve cara de sinusite — respondi eu a arrumar o saco de plástico na mala. — Dissolve-lhe na água uma cápsula de tetraciclina de seis em seis horas.

O elevador, de dupla porta metálica, chegou a estremecer como uma barquinha. Da fieira vertical de botões ne-

gros numa placa cromada havia um, vermelho, com a palavra Alarme gravada: sempre que ingressava naquele ludião precário assaltava-o uma vontade louca de lhe carregar com o dedo e escutar o que imaginava ser o ruído aterrador de uma sereia de quartel de bombeiros, a soterrar a casa nos escombros dos seus uivos. A porteira, despenteada e gorda, assomaria ao seu cubículo, armada da vassoura agressiva das grandes ocasiões. Arrastou a bagagem para o elevador, empurrou os fechos e tocou para o rés-do-chão, os dois apertados naquela urna idiota que descia aos solavancos a caminho da rua.

— Puseste gasolina? — perguntou ela.

— Não faças cenas ridículas — disse a Tucha a despejar o conteúdo de um cinzeiro pequeno numa beateira de prata. — E não partas a mobília toda, olha os vizinhos.

— Com um feitio como o teu o que é que querias? — interrogou a irmã mais nova, de turbante e calças enfunadas, a pisar, descalça, um tapete de cacos de garrafa. Um dos sobrinhos, de umbigo ao léu, acompanhava-a tocando tambor.

A mãe moveu os pulsos muito brancos sobre o lençol da clínica:

— Coitado — murmurou ela —, nasceu sem bússola.

— Pus gasolina — informou ele, irritado —, verifiquei os pneus, a água da bateria, o óleo do motor, alinhei a direcção, calibrei as rodas, e pedi pelo rádio aos automobilistas do país que fizessem o mesmo. Se vossa excelência me quiser dar o prazer da sua companhia temos algumas possibilidades de chegar inteiros.

Pensa Porque é que me enervo tanto, porque raio é que me enervo tanto com os outros por nada? De repente, sem aviso, sem controle, sobe uma onda de fúria dentro de mim, os testículos incham, as tripas torcem-se de gases, um formigueiro esquisito atinge-me os dedos, e principio, sem motivo, a gritar.

— Cão que ladra não morde — diz a Tucha como que deformada por um desses espelhos ondulados das feiras, num fundo de gargalhadas e de guinchos. — Se não sais tu saio eu

— acrescenta tranquilamente a enrolar um charro. As pernas bem feitas continuavam cruzadas na posição do costume, as pálpebras descidas alargavam meias-luas de sombra nas bochechas. Pensa És tão bonita. Pensa O que é que os meus pais vão comentar disto tudo?

Fechou de estalo a mala do carro (a chave entrava sempre mal, dir-se-ia que uma resistência qualquer se opunha tenazmente do interior) e as fachadas da Rua Azedo Gneco, cinzentas sob o céu cinzento, afiguraram-se-lhe desabitadas de qualquer espécie de vida, absolutamente neutras e cegas. Donas de casa de meia-idade trotavam nos passeios arrastando os seus pequenos riquexós de compras, que pulavam nas pedras desiguais. Um cigano idoso de barba por fazer, perdido de bêbado, tentava em vão trepar o banco da sua carroça decrepita. Pensa É isto a vida? A Tucha casou de novo (Um tipo de óculos, meio parvo, o que é que ela encontrou naquela besta?), ele via os filhos em fins-de-semana alternados, tocava a campainha cá de baixo, ficava à espera, a mão do isqueiro tremia e de repente os garotos abraçavam-se-lhe às pernas Olá pai, vamos ao Jardim Zoológico pai, vamos ao circo pai, e aquele olhar tristíssimo, quase líquido, das girafas. Comiam sorvetes, amendoins, compravam balões, desinteressavam-se das focas, e depois, às sete da tarde, a campainha, a porta que se abria numa espécie de eructação do mecanismo eléctrico, os miúdos desapareciam a correr, esquecidos dele, e sentia-se tão abandonado que lhe apetecia, que chatice, chorar.

— Para um dia de semana há imenso trânsito na estrada — disse a Marília à procura das pastilhas elásticas na carteira.

— O mal dele foi nunca ter acreditado verdadeiramente em nada, nunca haver sido visitado pela Santa Fé — garantiu o padrinho, paramentado de padre, a benzer-lhe o caixão. Um grupo de palhaços anões, mascarados de mulheres de luto, soluçava aos guinchos num canto, brandindo grandes lenços vermelhos. — Quem não crê em nada, caríssimos cristãos, acaba assim — concluiu de braços abertos, num estrondo de pratos da orquestra.

A Marília atirou fora o papel da pastilha elástica pelo vidro triangular do carro e principiou ruidosamente a mastigar. Saíram de Lisboa atrás de uma longa fila de camionetas militares, pejadas de soldados de rostos agudos, inquietos, de pássaros. Pensa Não me apetece puto ir ao congresso, quero bem que o século XIX se lixe. Pensa Nem tu sonhas o discurso de despedida que te vou engrolar amanhã ou depois, as frases bonitas, teatrais, os silêncios repletos de subentendidos subtis, os gestos estudados, e tu de pé, estupefacta, no quarto de hotel, entre malas, a olhar-me.

— Nem sonhes que me separo de ti — declarou ele à Tucha empurrando os fanicos para debaixo da mesa com o pé. — E quanto a estares farta de mim eu dou-te a fartura, minha cabra.

— Não vêm jantar? — perguntou a mãe da Marília introduzindo a cabeça, como um cuco de relógio, pela janela da cozinha. O sol coalhava-se em grandes películas verdes nas folhas das árvores, do cemitério próximo chegava o odor grosso, de begónias, dos mortos, o pigarro do guarda-republicano sacudia as paredes. O pai da Tucha, pelo contrário, não tossia nunca, usava colete e maçava-se dias a fio no escritório a respirar o pó dos calhamaços antigos e a beber uísque cor de mijo de uma garrafa de rótulo complicado. A mãe jogava canasta e passarinhos com a mãe dele, sofria de uma doença qualquer de coração que a obrigava constantemente a acenar que sim, e parece que fugira uns meses, em jovem, com um primo oficial da Marinha chamado Tomás. Agora era uma velha inútil, quase tocante, cheia de jóias, a deixar cair as cartas dos dedos num atabalhoamento que nenhum tenente querería.

Pensa Estou a fumar demais, acendendo o terceiro cigarro da viagem, enquanto casas dispersas, paus de fio, um ou outro ciclista solitário escorriam pelos lados do capot como água fendida pela proa de um barco. Os campos sonâmbulos do outono desdobravam-se, sem majestade, em pobres colinas redondas como crânios calvos: a Rua Azedo Gneco afastava-se deles com os seus livros, os seus retratos, os cartazes pregados na parede, o autoclismo eternamente avariado.

— Nunca acreditou em nada, nunca acreditou verdadeiramente em nada — repetiu o padrinho, montado no burro a fingir, de lágrimas a descerem, em sulcos escuros, pela cara pintada.

O século XIX, pensou ele, quem se interessa ainda pelo século XIX? Meia dúzia de sexagenários tolos, algumas raparigas feíssimas, um ou dois estrangeiros desatentos que a Faculdade financia, senhoras bolorentas capazes de dissertarem doze serões seguidos, para turbas bêbedas de sono, sobre o desembarque do Mindelo.

— Outro cigarro? — diz a Marília, surpreendida —, repara-me só na cor dos teus dedos.

O médico indiano exhibe contra a janela uma radiografia do tórax:

— Cancro do pulmão — diagnostica ele —, espinocelular aposto. Mais uns tempinhos a definhar e adeus minhas encomendas. Nessa altura o quarto da sua mãe já vai estar desinfectado e a cama vazia: pronta para si.

Ou então, Tucha, aos sábados à noite íamos passear na Marginal no Peugeot antigo que o meu pai me ofereceu, as formas escuras, geométricas, dos armazéns das docas, avolumavam-se, enormes, do lado do rio, as portas do automóvel abanavam-se e sacudiam-se como as chapas de lata dos vagões do Castelo Fantasma a circularem entre carantonhas e esqueletos, apetecia-me levar-te para o Guincho, doíam-me os tomates, parar o carro na berma, onde se ouve o mar e o vento lança contra os vidros murros furiosos de areia, abraçar-te nas trevas a cheirarem a estofos de automóvel, a borracha queimada e a beata fria, as ondas desfazem-se lá em baixo nas rochas numa zanga imensa, apetecia-me sobretudo sair de onde houvesse luz, para os parques de estacionamento desertos ou as ruelas transversais de Carcavelos povoadas de vivendas sombrias, procurar-te o peito com as mãos, a juntura das virilhas, o cuspo sem sabor da boca, e nisto a Tucha Quero ir dançar, e acabava por entrar contrariado, atrás dela, numa caverna barulhenta de focos intermitentes, cheia de pessoas difusas acoradas em banquinhos baixos defronte de pratos de

pipocas. Pensa Casei-me porque gostava de ti ou porque toda a gente se casava nessa altura, as minhas irmãs, os meus primos, os amigos, fotografias de noivas, de grupos de copo na mão, grandes mesas postas a abarrotar de comida? Pensa Casei-me por causa da vertigem do cheiro do teu corpo, do teu soslaio lento, dos braços indiferentes, parados, inertes? Pensa Casei-me porque me assaltava a ilusão de poder ser dono de qualquer coisa nem que fosse, ao menos, de mim mesmo, dono de jantar o que me apetecia, de me deitar às horas a que me apetecia, de não dever, catano, explicações a ninguém? Pensa Tinha vinte anos, queria usar aliança, escolher os meus fatos, ser crescido, ir jantar a casa dos meus pais contigo ao lado, alheada, morna, silenciosa?

— Nunca gostei muito dele — explicou a Tucha a apagar o charro no cinzeiro. — Que falta de paciência para a mania dos livros.

— Uma seca a família do tipo — disse a primeira namorada, vestida de trapezista, a pôr pó de giz nas mãos. A rede do Coliseu lançava-lhe uma sombra geométrica, oblíqua, no rosto. — Nunca tive cu para essa gente.

E no entanto, percebes, eu não tinha outra para oferecer em alternativa senão a dignidade distante do meu pai, a minha mãe a jogar as cartas na saleta inundada de fumo, os cacarejos definitivos e patéticos das minhas irmãs, o silêncio cor de mel do andar no verão, de móveis cobertos pelos sudários empoeirados dos lençóis. A casa, o jardim, a missa de Santa Isabel, a Rua de São Domingos à Lapa achatada de sol: foi aí, pensa, que compreendi que morreria, que me não era mais possível fingir que permanecia vivo. A primeira morte foi no meu jantar de anos com todos à mesa, a Tucha inclusive, disfarçados de trupe búlgara de equilibristas, rindo e gritando, acuando-me com o seu sotaque esquisito sobre um fundo desordenado de clarinetes e tambores. A Marília cessou por um instante de mastigar, desceu o vidro do carro para lançar fora a pastilha elástica num gesto rápido de mão, procurou melhor o assento com as nádegas e disse:

— Não podíamos parar e tomar um café?

Uma vendazinha à beira da estrada, um balcão corrido, algumas mesas e cadeiras, frascos de rebuçados, um homem gordo, perdido na incomensurável extensão da tarde, a afugentar as moscas com um pano imundo. Por detrás de uma cortina de pauzinhos, uma velha, inclinada para um alguardar de plástico, descascava batatas. Um cão amarelento e humilde, de olhos turvos de ramelas, hesitava à porta dobrando delicadamente uma das patas dianteiras como um mínimo ao pegar na chávena de chá. O homem gordo veio a coxear, de esguelha, até nós.

— Dois cafés — pedi eu.

Pensa A velha seria mãe dele? Irmã dele? Mulher dele? Mulher talvez: à noite empurravam-se um ao outro, a resmungar, numa cama estreita demais, desconjuntada demais, torcida e empenada de intermináveis combates, de rancorosas insónias, de abraços rápidos no colchão esbeçado. O homem colocou dois pires, duas colheres e dois pacotes de açúcar no balcão, e puxou com força uma alavanca cromada. O cão, perseguido por uma vespa tenaz, evaporou-se na tarde, e ele pensou Quando compraste uma máquina de fazer café, Marília, e a trouxeste para minha casa, eu percebi pela segunda vez Estou frito, o que posso fazer para escapar-te? E vieram as malas, uma escova de dentes desconhecida surgiu ao lado da minha no quarto de banho, e a corda da roupa encheu-se de calças e de camisas estrangeiras.

— Para onde queres que eu vá? — perguntou à Tucha.

— A indecisão — afirmou o psicólogo vestido de domador de tigres, com uma cadeira na direita e um chicote na esquerda — eis um dos traços fundamentais do seu carácter. Se lhe perguntarem se lhe apetece viver ou morrer fica horas a fio a passear no quarto, de mãos nos bolsos, sem saber a resposta. Experimentem.

Bateu violentamente com a chibata no chão, deu dois passos para mim, encolhido e magro no topo de uma peanha colorida, questionou em gritos que ecoavam

— Queres viver? Queres morrer?

recuou de braços abertos perante a evidência do meu silêncio, e concluiu erguendo a sobrancelha para o público vencido:

— Ora aqui têm.

— Dois cafés — disse o homem gordo pousando as chávenas nos pires. Um grande silêncio morno alastrava da loja para a paisagem lá fora, embaciada pela humidade densa do outono, de que as árvores se desprendiam a custo como dedos estreitos de uma nódoa de lama. O céu, ao rés da terra, dir-se-ia construído da própria textura do vento.

— Mandámo-lo ao psicólogo para um teste de orientação profissional — esclareceu a mãe colocando os óculos, presos ao pescoço por uma corrente, para consultar o papel da marcação do jogo — e ele fez sem tirar nem pôr o retrato do meu filho. Um homem notável. Informaram-me que estudou na Suíça: os cursos cá são tão fraquinhos.

Beberam o café a olhar pela porta Santarém ao longe, a vibrar desfocada na distância, refractada por sucessivas camadas de vapor. Na vitrine dependurada da parede amontoavam-se pilhas de chocolates antigos, de invólucros manchados pelas moscas. As íris cidadinas da Marília buscaram o espaço em volta à procura de ruas:

— Vamo-nos embora? Este sítio deprime-me.

Uma ou duas vezes por semana, não sabia ao certo, procurava o psiquiatra para longos conciliábulos sibilinos. Vi-o uma ocasião: um tipo insignificante, amaricado, míope, de pasta no braço e sobretudo gasto: de que lhe falaria ela? Da infância nos Olivais, dos primeiros amores na Faculdade, bruscos e canhestros, da minha pessoa? E o que poderia aquele pateta marreco entender de mim? Pensa Se calhar traz na pasta o processo dela, o meu, a desiludida história difícil e sem história da nossa relação. Pensa Processo nº 326, referente a Marília Tal e a Fulano Assim Assim, e nós dentro, despudoradamente despidos à custa de termos técnicos e de fórmulas ocas, de lugares comuns que nos não retratam. Projectou correr atrás dele, sacudi-lo dos seus segredos que deviam tilintar como um mealheiro: lá está a tarde em que te apliquei uma bofetada furibunda, lá estão os teus orgasmos etiquetados, numerados,

verificados, por ordem cronológica, ou de intensidade, ou de acordo com qualquer critério aterrorizadamente obscuro, mas antes que conseguisse mover-se o psiquiatra trepou para um eléctrico apinhado e desapareceu.

— Quanto é? — perguntou ao coxo.

Uma criança minúscula, descalça e de rabo ao léu, entrou pela loja numa marcha bamboleada de pato: o espaço entre o nariz e a boca vidrava-se de ranho. O cabelo sujo e espetado crescia em todas as direcções à maneira de um arbusto de espinhos. O tio, vestido de ilusionista, afastou o manto e apontou o garoto, com a varinha, à irrisão geral:

— E agora, damas e cavalheiros, vou transformar esta tenra criatura num professor de liceu.

— Bom dia, colega — declarou ele para o miúdo, e o coxo considerou-o com espanto.

Assegurou-se de que a Tucha o observava para atirar um pontapé suplementar a uma cadeira que tombou de lado, mortalmente ferida, com o relincho dos cavalos abatidos:

— Nem sonhes que me separas dos meus filhos.

A Marília esperava por ele sentada no interior do automóvel, a desembrulhar mais uma daquelas pastilhas elásticas sem sabor de que parecia alimentar-se. O carro, assim parado, assemelhava-se a uma espécie de sapo adormecido.

— Podes vê-los sempre que quiseres — disse a Tucha. Uma das crianças, acordada, chorava no fim do túnel de sombras do corredor.

— Comportamento típico dos temperamentos frágeis — explicou o psicólogo exibindo os hieróglifos de um teste.

— Curiosas alternâncias de súplica infantil e agressividade inconsequente: personalidade inofensiva mas aborrecida.

— Um chato — suspirou a irmã mais velha que jogava as cartas com a mãe. As sobranceiras, pintadas para cima, pareciam ir levantar voo da planície de pó-de-arroz da testa.

— Pagaste os cafés em contas coloridas? — perguntou a Marília. — Tive a sensação que o gajo nem devia saber o que era o dinheiro.

Há um lado amargo em ti que não consigo entender, pensou ele instalado ao teu lado no carro, sob a sombra verde, transparente, mentolada, de uma árvore baixa, de copa horizontal, de que desconhecia o nome, um azedume que te torna de súbito séria, corrosiva, quase feroz, destilando veneno do teu canto como uma dessas aranhas grandes, escondidas na buganvília do jardim dos meus pais, e que eu matava à pedrada, de longe, temeroso dos seus malefícios obscuros. A criança descalça, postada agora diante do automóvel, examinava-os com as órbitas fixas e ardentes dos vitelos. Ao longe, uma máquina de consertar a estrada fumegava entre caldeiros de alcatrão, e adivinhava-se num lado qualquer uma respiração de água. O céu cinzento e liso fundia-se com a terra cinzenta à maneira de um rosto sem feições colado ao seu próprio reflexo. Talvez que a amargura te venha de nunca teres sido feliz, pensou ele, os teus pais, um casamento torto, a falta de dinheiro, o desespero de se não fazer o que se quer. Acolá, para além de uns montes, subiu um apito longo de comboio.

— E se cagássemos no congresso? — perguntou ele de repente.

Circular com um quadradinho com o nome escrito à máquina na lapela, escutar comunicações doutas, maçar-se com solenidade, aturar os discursos intermináveis do jantar de despedida, sofrer o fotógrafo a trotar à volta da mesa estampidos inesperados de magnésio. Ouviam-se distintamente as rodas das carruagens tropeçando nas calhas, e o canto em duas notas de um pássaro sozinho. O relógio do tablier marcava onze e vinte desde que se esmurrara contra uma camioneta num engano de semáforos: eram as horas imóveis de um dia muito antigo, quando me havia separado há pouco tempo, te achava apenas irritante, Marília, e dormia num quarto alugado ao pé do cemitério dos Prazeres: abria a janela, à noite, e os ciprestes avançavam, verticais e hirtos, até à minha cama, envoltos no halo de vento subterrâneo da morte.

— Podia ter vindo cá para casa — disse a irmã mais nova puxando a saia com ambas as mãos para que se lhe não vissem as coxas. — Temos um quarto livre, mudavam-se os

pequenos. O Carlos até insistiu bastante ao telefone mas já se sabe como ele é: nunca ligou muito à família e desde que se meteu a comunista gosta de armar em pobrezinho. Parece que arranjou um buraco num sítio qualquer.

— O quê? — disse a Marília, espantada. — Não ir ao congresso?

— Vamos conversar calmamente — pediu ele à Tucha. — Tudo isto é uma estupidez pegada e se não conheceste nenhum homem que te interesse não vejo por que razão nos havemos de separar. Por capricho? Porque estás farta? Também eu, palavra de honra, estou farto de muita coisa, mas pensa um bocadinho nos miúdos. O Pedro é uma criança complicada, ia sofrer imenso.

O rapaz com borbulhas, de dezoito ou dezanove anos, que manejava os holofotes de várias cores, debruçou-se de uma espécie de varanda:

— Não me lembro do meu pai. Separou-se da mãe há uma porrada de tempo, ouvi falar que chegou a viver com uma colega e pouco depois morreu, fora de Lisboa, numa estalagem qualquer. Talvez que o meu irmão se recorde melhor mas só se forem conversar com ele ao Canadá: trabalha numa firma de computadores. Não sei a morada, não nos escrevemos nunca.

— Pois — disse eu muito depressa — já realizaste a chumbada? Mudamos de agulha e passamos o fim-de-semana num sítio sossegado, sem obrigações, sem gente, sem necessidade de falar. Não, a sério, quatro dias, pensa só. Há pousadas valentes por aí onde nunca metemos o pé.

A máquina de alcatrão trepidava como uma locomotiva doente, cuspiendo faúlhas alaranjadas pelos intervalos das rodas. Um perfil humano, encarrapitado no topo, comandava aos soluços aquele frenesim de chamas. A velha passou por detrás da casa, despejou o conteúdo de um balde numa fossa, e voltou para dentro, curvada, no passo miúdo do reumático. O garoto de nádegas à vela continuava a examiná-los, fascinado, com as órbitas incandescentes de vitelo. O cinzento uniforme do céu desunia-se, a pouco e pouco, num emaranhado de nuvens.

— Campo de Ourique — bocejou a mãe a guardar as cartas, numa caixa de plástico, na gaveta da mesa de jogo. — Quem é que se lembra de morar em Campo de Ourique?

O Carlos pediu ao chofer, com a mão, que esperasse um bocadinho, e guardou os óculos escuros no bolso de fora do casaco:

— Apesar das nossas ideias diametralmente opostas (a palavra diametralmente, na boca dele, parecia pulsar, sublinhada a vermelho) nunca discuti com o meu cunhado. No fundo era um pobre de Cristo, um bem intencionado de que os socialistas se aproveitaram. Cheguei a oferecer-lhe a minha casa várias vezes, recusou sempre. Declino qualquer responsabilidade no que aconteceu.

— Conversar? — riu-se a Tucha. — Tomei a minha decisão, não tenho nada que conversar contigo.

— Essa traz água no bico — disse a Marília. — Uma lua-de-mel ao fim de quatro anos, que mosca te mordeu?

Pensa Quando eu era pequeno os cantoneiros acenavam adeus da berma da estrada com os chapéus, apoiados às picaretas bíblicas, e nós aplanávamos o nariz contra a janela de trás, a vê-los desaparecer numa espiral de pó. Pensa Nessa época eu ainda não hesitava em juntar-me ao Partido, ajudava à missa, antes do liceu, na igreja deserta, e o pato Donald era o meu animal favorito. Pensa As dúvidas começaram mais tarde, a minha falta de generosidade e o meu receio de ser preso ou de sonhar começaram mais tarde. Assina aqui: e logo o medo de atraiçoar os meus pais e de romper com os estúpidos que cheiram bem me assaltava, me impedia de aderir, me obrigava a inventar explicações inúteis, consoladoras, a apaziguar-me com um estalinismo de pacotilha. Os amigos barbudos e míopes, imperiosos de dogmas, deixaram a pouco e pouco de me procurar para me encherem os cinzeiros de beatas e a alma das gloriosas conquistas da Pátria do Socialismo, e a Tucha, aliviada, passou a convidar livremente colegas estúpidas e amigos sem dúvidas, que se reuniam à volta dos uivos dos Jefferson Airplane.

— Apesar de tudo tinha algumas qualidades — disse a irmã do meio, solteira e professora de iniciação musical numa

escola secundária (pratos, ferrinhos e lérias assim, alunos dedicando-se jubilosamente a um pandemónio sonoro). Gostava, por exemplo, de Chopin. Às terças-feiras almoçávamos juntos e eu trauteava-lhe uma Polonaise à sobremesa (as cabeças muito unidas, a cara feia dela, a cantar, no restaurante apinhado. Os sujeitos que esperavam lugar de pé inclinavam-se, divertidos, para ouvir: Nunca foste exigente nem pretensiosa, pensou ele: Porque não arranjaste marido?).

As nuvens adquiriam, confluindo, uma espessura de cartão: dentro em breve principiaria a chover. Olhando melhor distinguiu outra casa (meio derruída?) ao longe, uma cancela, um resto de muro.

— Estou farto do século XIX, é só — disse eu. — E depois nunca saímos, ficamos sempre enfiados em Campo de Ourique, como toupeiras, naquele buraco horrível recheado de livros, a tocar nas volutas do calorífero com os joelhos friorentos. Vamos ver o mar.

— O Pedro aguenta-se perfeitamente comigo — disse a Tucha, de costas, a limpar a agulha do gira-discos com uma escovinha especial. — O que ele não suporta são as discussões constantes que temos.

— Mas quem é que discute nesta casa? — argumentei eu. — Nunca levanto a voz. Perdi um bocado a cabeça há pedacinho, desculpa, já passou.

— Agressividade-submissão, agressividade-submissão, agressividade-submissão — articulou o psicólogo movendo o indicador como um metrónomo. As mulheres detestam os homens demasiado previsíveis, adoram um coeficiente de surpresa e que surpresas um temperamento destes nos reserva? Nenhumas.

— Todos comigo — berrou o pai fazendo enormes gestos de maestro para o público da família. As abas da casaca, soltas, flutuavam. — Todos comigo quando eu disser três. A frase é: Já qualquer um lhe adivinhava as asneiras.

— Não é uma questão de o Pedro se aguentar — afirmei eu — está claro que se aguenta: é a importância de ter o pai e a mãe juntos, na idade dele.

— Se não estava mais em casa, coitado, era porque não podia — explicou a mãe com um sorriso triste, sentada no seu canto de sofá, ao pé da lareira. — Os negócios, sabe-se como é. Mas preocupava-se imenso com a educação dos pequenos: dia sim dia não telefonava.

— Morreu em Aveiro, não sei acrescentar muito mais — vociferou o rapaz dos holofotes, com as mãos em concha dos lados da boca. — A minha mãe tornou a casar com um amigo comum, foram viver para a Suíça, os meus avós do lado dela tomaram conta de nós. Parece que mora em Lausanne, sozinha, com um cão. De tempos a tempos manda-me uma caixa de chocolates com recheio, e eu ofereço-os ao porteiro diabético que se péla por doces.

— Ver o mar? — disse a Marília. — Eu vejo a Rua Azedo Gneco todas as manhãs, o cheiro de cadáveres dos caixotes do lixo escondidos atrás dos carros, de que as camionetas se esqueceram.

— Está? — perguntou a vizinha microscopicamente autoritária do pai. — Que nota teve ele em matemática?

— Não adianta — avisou a Tucha —, os teus argumentos não me interessam.

— Se vier uma negativa em geografia — ordenou a vizinha — proibição de cinema três domingos seguidos.

Pensa De onde é que nos telefonavas, pai? Hamburgo, Paris, Londres, grandes cidades desconhecidas sob a chuva? De um quarto de hotel, copo de uísque na mão, uma rapariga de casaco de peles, parecida com as actrizes de cinema das pastilhas, sentada numa cadeira, à espera? Pensa Foste feliz, és feliz, o que pedes às coisas? Um dia, em miúdo, ao fim da tarde, achávamo-nos na quinta e um bando de pássaros levantou voo do castanheiro do poço na direcção da mancha da mata, azulada pelo início da noite. As asas batiam num ruído de folhas agitadas pelo vento, folhas miúdas, fininhas, múltiplas, de dicionário, eu estava de mão dada contigo e pedi-te de repente Explica-me os pássaros. Assim, sem mais nada, Explica-me os pássaros, um pedido embaraçoso para um homem de negócios. Mas tu sorriste e disseste-me que os ossos deles eram

feitos de espuma da praia, que se alimentavam das migalhas do vento e que quando morriam flutuavam de barriga no ar, de olhos fechados como as velhas na comunhão. Imaginar que cinco ou seis anos depois o que te interessava eram as notas de geografia e matemática provocava-me uma espécie esquisita de vertigem, de impressão de absurdo, de impossibilidade quase cómica, como se o médico indiano se voltasse de súbito para mim e me declarasse de chofre Tem um cancro.

— Falaram-me em tempos de uma pousada na ria de Aveiro — disse eu. — Podíamos tentar, o que é que achas?

Céu cinzento, terra cinzenta, a chuva que não vinha, que não viria decerto nos próximos dias a calcular pela respiração ansiosa, quase asmática, da terra. O vale de Santarém assemelhava-se a cortinas sobrepostas de algodão que ondulavam levemente no frio do meio-dia. O garoto de rabo ao léu principiou a trotar, de boca aberta, na direcção da venda. Lá dentro o homem coxo devia lavar as chávenas deles no mármore da pia, na luz de aguada árida e desconfortável do postigo.

— Em Lausanne, sozinha, com um cão — repetiu o rapaz dos holofotes. A cara dele, indistinta, parecia sorrir à ideia de uma mulher envelhecida, de cabelos grisalhos, de pilha de jornais no braço e um cachorro esbranquiçado pela trela.

— Nunca apostei naquele casamento — disse o pai da Tucha a contar os bilhetes por vender no interior de uma espécie de guarita, encostada às rulotes e à lona do circo. — Eram ambos pessoas instáveis, frágeis, especiais. Mais tarde ou mais cedo a notícia da separação rebentaria.

— Gostava de Chopin — disse a irmã da música —, ia a São Roque ouvir o coro da Gulbenkian, ficava sentado cá atrás, a olhar as paredes da igreja, das quais o canto parecia surgir, surpreendido. No fundo somos um bocado as ovelhas ranhosas da família.

— Aveiro — disse a Marília —, porque não Aveiro? Deves estar a preparar alguma e já agora sempre quero ver como é que acaba: mesmo que o filme não preste, aguento no lugar até ao fim.

Pensa Deixei o telefone do hotel de Tomar na clínica, se houver sarilho não me topam, encontram uma desorganização de nomes, uma atrapalhação de gritos. Pensa A mãe não me faria uma partida destas no fim-de-semana, desatou a preocupar-se tanto com a elegância dos sentimentos a partir do momento em que as outras belezas lhe faltaram. Pensa Nunca dei nada para o peditório do cancro, evitava as meninas bem vestidas que me assaltavam nas esquinas, me estendiam as ranhuras das suas caixas de metal, solícitas, generosas, saudáveis, evitava-as porque na minha opinião é o Estado que, o que é uma boa desculpa para: entregar nas mãos de uma entidade indefinida o concreto que me apavora.

— Em três dias acontece muita coisa — disse eu sem convicção à Marília como se mentisse a uma criança. — E depois precisamos de descansar, de conversar.

O obstetra casado com a outra minha irmã acendeu o cachimbo: os dedos gelatinosos possuíam a espessura e a densidade dos polvos:

— Talvez que a doença da mãe tivesse alguma influência nisto tudo. Pessoalmente não acredito: achava-o estranho há vários meses.

— Nunca deixei de te amar — berrou ele à Tucha atirando um murro inútil a uma arca de pregos. (Comprámo-la em Sintra.) — E para tua informação não vou desistir disto sem mais nem menos. Pôs o carro em marcha e retomou a estrada com um pequeno salto. A loja solitária ficou a apequenar-se para trás deles, definitivamente perdida, junto à sombra de aquário inútil da sua árvore. O melhor é meter a Coimbra, pensou ele, e se tivermos fome comer qualquer coisa no caminho, num desses restaurantes atascados de aldeia, com toalhas de papel em mesas de metal pintado, e o século XIX que vá para o caralho com os seus fidalgos de bigode e as suas sangrentas revoluções de pacotilha. Ultrapassaram a máquina de alcatrão que trepidava como uma panela, e os tipos remendando o piso com uma espécie de grão negro a borbulhar sob os pneus. Pedrinhas escuras pulavam como granizo contra os guarda-lamas. Os arbustos espessavam ao acaso gestos aflitos

de naufrago, a cidade ficou para a direita, fechada sobre si própria como um mistério.

— Arranjem-lhe um explicador de física se for preciso — comandou a vizinha. — Não quero que o meu filho roce as costas por aí como um inútil.

— Nunca compreendeu o Segundo Princípio da Termodinâmica — revelou um senhor idoso com o caderno dos problemas do sexto ano aberto à sua frente, e um barco numa garrafa na prateleira dos livros. — Pode ser que tivesse mais jeito para as Letras, não discuto, mas nas ciências exactas, sempre foi um desastre.

De qualquer maneira tenho de dizer-te que me vou embora, pensou ele, e é-me mais fácil longe da Rua Azedo Gneco, da casa que arranjámos juntos, dos telefonemas constantes dos teus camaradas de Partido, da atmosfera entorpecente, cáustica, castrante, dos objectos familiares. Tenho sexta, sábado e domingo para ganhar coragem num quarto desconhecido de pousada, a olhar as águas da ria que deslizam, lentamente, para o mar. O meu cunhado executivo tirou um filme lá: gaivotas e barcos na manhã azul: o projector trabalhava aos tiquetaques no escuro, e nós direitos e calados nas cadeiras na solenidade de quem assiste, de frisa, ao Juízo Final. A minha irmã, numa varanda, envergonhadíssima e desfocada, esboçava adeuses tímidos com a mão.

— Se julgas que não há nada a fazer, pronto, vou-me embora — disse ele à Tucha. — Ajuda-me ao menos a arrumar a mala.

— Uma criatura excêntrica — urrou o rapaz dos holofotes. — Chegou a viver uns meses com um antiquário russo e doze dálmatas.

O médico indiano retirou cuidadosamente as grossas luvas de borracha da autópsia:

— À parte as pedras da vesícula não se lhe encontra nada. Sem o suicídio durava mais trinta ou quarenta anos livre de problemas orgânicos.

— Aveiro — disse a Marília a remexer a carteira à procura de pastilhas. (O perfil dela doía-lhe como um remor-

so.) — Pelo menos vou saber o que andas há que tempos a tramar.

Pensa Percebem-se assim tanto a minha inquietação, as minhas hesitações, as minhas dúvidas, o fluxo de amargura que às vezes, depois do jantar, me corrói por dentro como um ácido, me impede de escrever a tese sobre o Sidónio Pais, me empurra para a janela a observar a noite opaca, doméstica, familiar do bairro, os cães que farejam nos caixotes, as camionetas enormes da limpeza, de lâmpadas a circular no tejadilho? Pensa Devia votar à direita, usar gravata, trabalhar com o meu pai, passear nos bares do Estoril os accionistas estrangeiros, já completamente grossos, a vomitarem os restos do jantar na farda submissa do chofer, com algumas raparigas amigas, de boca excessivamente pintada, bêbedas também, tropeçando nos saltos demasiado altos. Pensa Devia ser economista, ter casado rico, gerir um banco, telefonar de longe a exigir boas notas em matemática dos filhos, ameaçá-los de domingos sem cinema, de trágicas proibições de ir a festas, de sair com colegas, de dançar.

O cunhado obstetra sorriu: trazia consigo um enorme fórceps de papelão e agitava-o ameaçadoramente diante do cadáver:

— Ora vamos lá a extrair essa tristeza.

— Azedo, respondia mal, deixava o almoço em meio — disse a mãe a envernizar de castanho a unha do mínimo.
— Completamente diferente das irmãs.

— Comunista — segredou baixinho o prior com receio que o ouvissem. — De uma família tão séria, tão católica, nascer uma desgraça assim. Nos tempos de estudante andava às escondidas pela Faculdade a distribuir panfletos, escrevia propaganda nas paredes, esteve a pontos de ser preso.

— Se o papá dele não fosse influente — disse um sujeito de gabardine tentando ocultar a cara com o braço — malhava com os ossinhos na choça.

A Tucha fez descer com o indicador a cabeça do giradiscos e tornou a sentar-se: uma voz aos gritos inundou estrepitosamente a sala:

— Não te ajudo em mala nenhuma — assegurou ela —, sabes onde está a tua roupa, as tuas gavetas, os teus livros. Governa-te.

— Aveiro que tem? — perguntou à Marília. — Vêem-se dezenas e dezenas de gaivotas na pousada, nos juncos, no lodo da margem, na água da ria, nas chatas ancoradas. Quando eu era pequeno o meu pai explicava-me os pássaros, os ninhos, os costumes deles, o modo de voar. Não faças caretas, éramos ambos diferentes nessa época. Se o conhecesses então compreendias.

Levara-a a casa dos pais a jantar e sentira o tempo inteiro, nos martinis prévios, à mesa, na sala, nas despedidas do vestíbulo, de um lado a boa educação hostil deles, pasmados com aquela mulher de poncho e socas, fardada de extrema-esquerda veemente, do outro a fúria proletária da filha do guarda-republicano, a exagerar, obstinada, nos modos e nos palitos. Pensa Porquê tanta necessidade de escandalizar os velhos, de os ferir, de me magoar, ao cabo, através deles? De facto sou burguês (Não sei muito bem o que é ser burguês), fui casado com uma burguesa, existem coisas, percebes, de que não consigo demitir-me: uma certa maneira de olhar as coisas, um certo pudor dos sentimentos, maneiras com os talheres, hábitos de vestir, o vocabulário inconscientemente policiado.

— Não era mau tipo e como cobertura dava-nos jeito — disse um matulão de barba e camisa de algodão, rodeado de cartazes energicamente vermelhos com homens de punho erguido diante de perfis fumarentos de fábricas. — A polícia nem sonhava que constituíamos uma célula com um pomadinhas daqueles no meio de nós. O pior aconteceu depois, quando se tomou a sério, se quis mascarar de marxista, e passou a andar com folhetos proibidos debaixo do braço, tão artolas que fomos obrigados a afastá-lo um bocado.

— Sempre quero saber — disse a voz do pai ao telefone — se a culpa é do explicador ou se é tua. Outra negativa e tiro-te do liceu em dois tempos.

Pensa Ho Chi Min, Mao, Che Guevara, Lénine, o traidor do Trotsky com o seu canto de sereia de aliado das

classes dominantes, em lugar de geografia, de matemática, de francês. Reuniões ardentes, enevoadas de cigarros, a certeza da redenção próxima, definitiva. Pensa Eram todos mais velhos do que eu, a minha família servia o capital, nunca me pediam a opinião, tomar-me-iam a sério? Pensa Não possuía ninguém com quem conversar, a Tucha abria a boca de sono se eu lhe falava das conquistas do proletariado, as minhas irmãs afundavam-se com os noivos, de dedos entrelaçados, nos sofás, mostravam as pernas, liquefeitas de paixão, uma amiga da minha mãe deixou a certa altura de vir jogar as cartas, uma viúva ruiva com filhos da minha idade, alta, magra, tilintante de pulseiras, cochichava-se que ela e o meu pai se encontravam, que a levava nas viagens, que a apresentava no estrangeiro como mulher dele.

— A única coisa que há para discutir — disse a Tucha — é a mesada das crianças, mais nada. Tenho ali uma proposta do meu advogado, vou-ta mostrar.

— Os pássaros — disse a Marília —, que sabiam vocês dos pássaros?

Seguiam pela estrada, repleta de trânsito, a caminho de Coimbra, de grandes camionetas trepando a pulso as subidas ladeadas de árvores feias, emagrecidas pela seca, sob o céu pálido da manhã: não ia chover, não tornaria mais a chover nesta terra, o mar daria lugar às porosas e profundas crateras poeirentas com que imaginava a Lua, e sobre as quais paira, imóvel, o silêncio de pedra de uma noite perpétua. Coimbra afigurou-se-lhe uma cidadezinha insignificante e prolixa, com um único sinaleiro a esbracejar, frenético, numa espécie de trono, e postes de muitas setas a indicarem Lisboa, Leiria, Aveiro, Porto, Figueira da Foz, outras localidades ainda de que esqueceu o nome. Pararam para comer num café em que senhores grisalhos, unidos aos pares como as borboletas dos bichos da seda nas caixas de cartão, jogavam as damas defronte das chávenas vazias. Pelo vidro da montra via o homem da bomba de gasolina vizinha esfregar as mãos num desperdício imundo, ou procurar trocos na bolsa de cabedal dependurada a tiracolo do ombro. Os edifícios misturavam-se colina acima,

cegos, à laia de pedras de dominó que a mão do acaso baralhou. O estômago doía-me de leve como uma espécie, fininha, de saudade: A fome, pensou ele, deve ser da fome. Ou então envelheço. Ou então estou doente como os cavalos de carroça sem préstimo. Os pássaros, explicava o pai encostado ao muro do poço da quinta, morrem muito devagar, sem motivo, sem se dar por isso, e um belo dia acordam de barriga para cima, de boca aberta, flutuando no vento.

— Em pequeno era uma criança fácil — disse a mãe a examinar cuidadosamente o verniz dos dedos. — Respeitador, alegre, não chorava. Foi depois de crescer que se tornou esquisito. Principalmente a seguir a meter-se na política.

— Nunca pertenceu ao Partido: ausência de espírito militante — declarou o calmeirão de barba e camisa de algodão. — Demasiado egoísta, demasiado burguês, demasiado medroso. Faltava-lhe coragem, nervo, fibra, convicção, capacidade de luta. Distribuía uns panfletos, colava uns cartazes, apaziguava a má consciência, pouco mais. Um verdadeiro comunista, camarada, não se suicida.

O Mondego era um canal na areia, fio tímido abrindo um caminho custoso pelas ervas da lama: muralhas enegrecidas emparedavam inutilmente aquela inexistência de água. O homem da bomba, de cócoras, verificava os pneus de uma motorizada. Um dos sujeitos grisalhos das damas arroxou de súbito as bochechas pendentes e desatou a tossir.

— O cadáver reconhecia-se perfeitamente — anunciou o obstetra apontando o gigantesco caixão de cartolina com quatro tochas a fingir aos cantos. — Aquelas farripas cor de caca, aquela camisola azul e roxa, aqueles enooooooooormes sapatos amachucados, era ele. Nem foi preciso examinar as luvas e os suspensórios encarnados. Morto, de barriga para cima e boca aberta, como um pássaro no meio dos pássaros, incapaz de voar.

O pai pegou-lhe de novo às cavalitas (a minha cara quase tocava os castanheiros) e dirigiu-se para casa. A mãe esperava por eles a sorrir, sentada na sala, com um romance qualquer nos joelhos: Os meus homens, dizia ela, e não havia

nenhuma ruga, nenhuma sombra, nenhuma oculta tristeza no seu olhar claro. Os pardais escondiam-se já na mata, as irmãs, de nádegas então rijas, discutiam namorados no quarto.

— Baralhava-se com os polinómios — desculpou-se o professor de matemática — e quando um aluno se baralha com os polinómios o que se lhe há-de fazer?

— Mau grado isso insistimos algum tempo — justificou-se o da camisa de algodão para o público em silêncio —, bastantes revolucionários autênticos vieram da classe dele. Atribuímos-lhe trabalhos menores, concedemos que assistisse a reuniões, para o fim do curso elegemo-lo vogal da secção de folhas, mas em vez de se preocupar prioritariamente com a classe operária e as sebentas, escrevia versos, hesitava, preguiçava. Se o Fidel fosse da sua raça ainda hoje tínhamos o Batista no poder. E pior do que isso, camaradas, apaixonou-se por uma aristocratazinha fútil.

— A minha proposta é de dez contos por mês — disse a Tucha. (O disco de Eric Burdon chegava ao fim.) — Os teus pais podem ajudar-te.

— Ninguém me tira dos cornos que andas a preparar alguma — afirmou a Marília por cima da tosta. — Sempre que trazes macaquinhos na ideia ficas com esse sorriso de parvo que me deixa possessa.

Pediu a conta, sem responder, a um empregado altíssimo e amaneirado que se curvava para as mesas numa graciosidade de caniço, procurando-nos os olhos com órbitas doces de cadela. Pensa Chegámos alguma vez a namorar, a apaixonar-nos? Vê-lhe o perfil duro, inquisidor, as mãos de palma larga e dedos curtos e grossos, o peito inesperadamente grande, e pensa Por que motivo estamos há quatro anos juntos? Começou na ressaca da Tucha, eu sentia-me sozinho, abandonado, sem préstimo, as paredes do quarto alugado apertavam-me a cabeça, ensinavas Semiótica na Faculdade, fomos umas vezes juntos ao cinema, agradou-me o teu modo desapaixonado e seco de encarar a vida, o teu pragmatismo inabalável, o cheiro do teu corpo na penumbra, conversámos disto e daquilo, guardavas os cigarros numa coisinha de verga, no domingo

seguinte visitei-te em casa, conheci os teus pais, Um colega apresentaste-me tu, um dia, quase sem eu querer, beijámo-nos no carro a seguir a um colóquio, nunca me hei-de esquecer dos teus olhos abertos junto aos meus, não acreditavas em mim, achavas-me ligado à Tucha, apaixonado, sem rumo, e em certo sentido, catano, tinhas razão. Pensa Ou seria por pertenceres ao Partido, teres estado presa, representares, em determinado sentido, a minha redenção, a vingança sobre o medo que me impedia de agir, a união com a filha de explorados que a minha má consciência me exigia? A seguir apareceu o andar em Campo de Ourique, dois contos e quinhentos não é caro, dividíamos a renda ao meio, vinhas para lá comigo, ia buscar os miúdos ao domingo e o cheiro do teu corpo a perseguir-me, não me deixavas tocar-te no peito, Quietos quietos quietos quietos, e por fim, ao termo de uma longa luta, puxei-te as meias para baixo, desembaracei-me da saia, rasguei (rasguei?) as cuecas no divã estreito demais, bati com o cotovelo no chão, uma espécie de corrente eléctrica trepou-me, instantânea, até ao ombro, larguei-te e agarrei-me a ele a ganir, e tu O que foi o que aconteceu partiste algum osso, Devo ter quebrado o braço, Marília, ajuda-me, os teus pais tinham saído, não havia ninguém em casa, o sol do poente rastejava pelas tábuas do quarto, filtrado pela cortina de pintinhas, trouxeste algodão, álcool, uma ruga preocupada na testa, Deixa ver dobra e estica que maricas não é nada, semivestida, seminua, os dedos dos pés espalhados no sobrado, a camisa aberta mostrava o soutien cor-de-rosa, estendi-me de costas no colchão, de pálpebras fechadas, e de repente um peso à minha direita, a tua boca contra a minha orelha Mete. Abri-te a porta, pus o motor do carro a funcionar. Talvez que o Mondego encha no inverno, talvez que as pedras escuras se cubram de uma corrente lamacenta, derivando, oblíqua, no sentido da foz. Os edifícios cor de acónito miravam-no desapiedadamente, o céu castanho alargava-se, sem limites, como as abas de uma touca de freira.

— O advogado diz que dez contos é pouquíssimo
— argumentou a Tucha a esfregar com a manga da camisola

uma nódoa das calças. — Com o dinheiro que o teu pai tem eu podia exigir muito mais.

— Pássaros — disse a Marília —, pássaros e ideias malucas. Já agora quero ver o que isto dá.

De novo a estrada sem beleza do Porto com o seu tráfego ininterrupto de camionetas, de automóveis, de tractores, de motoretas obstinadas e vagarosas, a tremerem. Qualquer coisa lá atrás, uma peça solta, o triângulo, a caixa das ferramentas no porta-bagagens, pulava num ruído desagradável e teimoso, enervante.

— Nunca lhe aprovámos o segundo casamento — disse a irmã mais velha a bater claras em castelo na cozinha — mas ele era maior e vacinado e o que é que se podia fazer para impedir? O Carlos, coitado, ainda falou com ele, veio de lá preocupadíssimo. Lembro-me perfeitamente de me ter dito Ou me engano muito ou me cheira que este tipo acaba mal. E em casa dos meus pais foi um vexame horroroso, com a criatura, malcriadíssima, a insultar toda a gente.

— Gostava de Chopin — adiantou a professora de música, num sussurro, abrindo o piano. — Vou tocar-lhes o seu nocturno favorito.

— Quero lá saber que cases ou não cases — disse o pai, de pé, no meio do escritório, alheio ao telefone que chamava. — Tu, para mim, morreste a partir da altura em que te enfiaste nas políticas.

Pensa Tinhas tantos cabelos brancos nessa altura, pai, as costas curvadas, o fato a dançar um pouco no peito, já não serias capaz de me pegar às cavalitas. Pensa Aposto que te esqueceste dos pássaros, que nunca mais te preocupaste com os pássaros.

— De uma coisa podes ter a certeza meu menino — acrescentou o pai fitando-o com um olhar de ódio derrotado, um olhar amarelo, cambaleante, desconhecido: — não contes com um tostão furado.

Óleos modernos nas paredes, uma estante de códigos, o sofá onde a amiga da mãe, de meias pretas e casaco de peles, se devia deitar, esperneando. Pensa Ainda terias forças, ainda conseguirias?

— Vais ver que vais gostar da ria — disse eu. — Uns dias de sossego, longe de tudo, dão para passar a vida a limpo.

A política, pensa Foste-me buscar uma ocasião à esquadra por rascunhar parvoíces nas paredes, a partir daí nunca mais te dei chatices. Afastaram-me da célula, explicaram-me que me mantinham de reserva, quando a verdade é que não queriam nada com um filho de rico. Tu, muito sério, a parlamentar com um sujeito minúsculo e pomposo, de gravata gasta, e eu a assistir, ensonado, sob uma lâmpada sem quebra-luz, numa salinha com uma secretária e uma cadeira, pesada desse silêncio gorduroso e espesso feito da ausência de gritos.

— O senhor engenheiro queira desculpar — perorava o sujeitinho minúsculo — mas nós não somos os responsáveis desta maçada. O rapazola circulava por aí, influenciado por outros, a pintar frases ofensivas contra o governo.

O pai respondeu em voz baixa algo que ele não logrou ouvir, e o micróbio abriu imediatamente os braços, compreensivo e consternado:

— A juventude, senhor engenheiro, o sanguezinho na guelra, mas devemos cortar o mal pela raiz antes que cresça, percebe? E depois os restantes, o peixe graúdo, já o trazemos debaixo de olho há séculos. Agora o que não podia era deixar de o prevenir, a si, um pilar do regime, um industrial de peso. O director-geral sabe perfeitamente o que o país lhe deve, mas por favor vá avisando o seu rebento dos perigos que corre — (O anão tornara-se sério, comicamente sério e agressivo.) — A indulgência tem os seus limites, não podemos fechar os olhos indefinidamente.

Pensa Devia ser aquela a sala dos interrogatórios, dias atrás de dias a malhar nas pessoas, que terão extorquido em troca do meu pai? Amizades, influências, contactos, negócios, um cheque discreto na Suíça? O pai escutava, pálido de humilhação, o discurso idiota da paramécia, procurava inquieto o cinzeiro que não havia, mantinha o cigarro direito tentando aguentar dessa forma quilómetros precários de cinza: e aposto

que o outro se apercebia disso e da sua ansiedade, e retirava uma espécie de alegria sádica do embaraço do velho.

— Não arranja um cinzeiro? — perguntou o pai por fim, designando a beata com o queixo, num tom humilde, submisso, resignado.

O micróbio sorriu-lhe vitoriosamente de baixo para cima (Cabrão, pensou ele) exibindo os dentes podres:

— Desculpe, senhor engenheiro, não tinha reparado, aqui na polícia é proibido fumar.

O pai, de palma em concha debaixo da beata, esperou que um segundo indivíduo, corcunda e minucioso, batesse à porta, pedisse licença, pousasse um pires amolgado de folha sobre a mesa. Nunca julguei que um vexame o abatesse tanto: as bochechas povoavam-se de rugas pardas, reparei que o nó da gravata, torcido, se deslaçava. O inspector, exultante, pregava-lhe palmadinhas amigáveis nas costas, repentinamente protector e íntimo:

— Tudo isto é uma grande estopada, senhor engenheiro, nem calcula os aborrecimentos que nós temos. Enfim, o jovem parece arrependido, é o principal. Mas por prudência fica cá a fichazinha, a ver.

O pai a procurar pelos bolsos um novo cigarro, a agradecer numa inesperada subserviência de subalterno (Isto não se torna a repetir, senhor comissário, sou eu que lho garanto), a empurrá-lo na direcção da saída através de secretárias vulgares onde homens vulgares batiam desanimadamente documentos à máquina, de corredores estreitos e sombrios, de gabinetes fechados, com lâmpadas vermelhas e verdes por cima da porta, covis de polícias-chefes tramando em segredo a chacina dos comunistas. O sujeito minúsculo trotava atrás deles, acabou por sumir-se (Até à vista senhor engenheiro, juizinho miúdo) num cubículo qualquer. As unhas envernizadas dele cintilavam na penumbra e depois foi a cidade de repente, o chofer encostado ao capot a guardar à pressa a Bola e a desbarretar-se, o sol de novembro nas casas, nos telhados, nas árvores, nos rostos neutros das pessoas. Pensa Foi aí que morri, pai, que me consideraste morto pela chatice que te dei, rebaixares-te peran-

te um bardamerdas qualquer, um infeliz com o segundo ano do liceu e roupa comprada num pronto-a-vestir de bairro de manequins de pasta na montra, um igual aos teus escriturários para os quais nem sequer olhavas. O chofer fechou-te respeitosamente a porta, instalou-se ao volante, Para onde seguimos senhor engenheiro, Deixas-me no aeroporto depressa e depois levas o meu filho a casa. Tomei banho, sentei-me para almoçar, ninguém me perguntou nada, a mãe tomava pastilhas para a dor de cabeça, a irmã da música, de óculos na pauta, desentendia-se com o Debussy na sala. Nunca me deixaste sequer revoltar-me, ir até ao fim das minhas zangas: a tua sombra enorme, tutelar e autoritária, castrantemente protegia-me, e foi a partir daí que decidi ir para Letras, ser professor, recusar a empresa, deixar de usar gravata, ensinar estruturalismo, teoria da literatura, poesia francesa ou outras inutilidades equivalentes e aberrantes. Gostava talvez de trabalhar no sindicato mas a Esquerda desconfiava dele, a Direita odiava-o como a uma espécie de traidor, e ambas tinham razão nas suas reservas, nos seus receios, nas suas críticas. Pensa O que sou afinal, o que quero eu afinal, uma mulher burguesa, uma mulher comunista, uma estranha combinação de conservador e de aventureiro frustrado, patético, sem forças.

— Bom, desço até oito contos e um domingo de quinze em quinze dias — disse a Tucha a procurar, de cócoras, outro disco numa pilha enorme — mas não esperes mais nenhuma concessão da minha parte. Depositas o dinheiro no banco e tocas três vezes a campainha da rua para os teus filhos descerem: o Pedro entende-se perfeitamente com os botões do elevador, herdou a tua habilidade das coisas mecânicas.

Como era bonito o teu corpo assim de rabo rente ao chão, como as tuas nádegas me excitavam: abraçar-te por detrás, fazer-te sentir o pénis contra as costas, aspirar o perfume confuso, variável, do cabelo. Essa prega das tuas coxas, a forma da boca, a tonalidade densa, cor de uva, dos olhos. E depois gosto tanto que adormeças pintada, vou sentir a falta do rímel no lençol, a saudade de pastar a pele clara, firme, do teu ventre, os leves riscos esbranquiçados dos partos na curva dos rins.

— Aqui tem o rapazola, senhor engenheiro, ele que tome cuidado com os colegas.

Conspirações de pacotilha na sala de alunos, conversas em voz baixa dos amigos que cessavam se eu me aproximava. Nunca lhe consentiram que assistisse a mais do que isso, inocentes tropelias sem consequências de estudantes: talvez um dia, sócio, é necessário contornar várias provas, temos de tomar precauções, topas, de jogar pianinho, de assegurar algumas cautelas fundamentais, compreendes, os panascas da polícia sempre em cima de nós obrigam-nos a isso, meia dúzia de caretas, feições fechadas, palmadinhas nas costas, o sol descia na mata lá no fundo, as aves desprenderam-se todas, ao fim da tarde, ao mesmo tempo, como frutos estranhos do castanheiro do poço, flutuaram, como perdidas, um instante no vento, desataram a fugir na direcção da noite, os colegas de gabardine desabotoada trotavam a caminho das aulas, procuravam lugar nos bancos dos anfiteatros como os pintarroxos nos ramos das figueiras, o seu filho que me ande direitinho senhor engenheiro, que não me arranje mais sarilhos, os meus dois homens disse a mãe a sorrir, eu era tão pequeno que não alcançava o chão com os pés quando me sentava nos sofás, não via o que estava por cima das mesas, das prateleiras, do topo das cómodas, bibelots, quadros, caixas de casquinha, terrinas, pratos verticais nos seus tripés de madeira, encontrou um assento cá atrás, o professor já tinha começado a aula, D. João VI, puxou a esferográfica do bolso para tomar notas, talvez que um dia possas entrar para o Partido, lutar a sério pela classe operária, redimir-te da tua origem burguesa, os braços jovens do meu pai pegaram-me ao colo, a água de colónia dele entrou-me agradavelmente nas narinas, apontou a mata azul com o dedo, a sua cabeça aproximou-se da minha, mostra o que podes fazer por nós, distribui estes panfletos na Faculdade, e disse vou-te explicar os pássaros.

— Aveiro, que raça de ideia, Aveiro — protestou a Marília a olhar os pinheiros, os eucaliptos, as aldeias anónimas, o céu denso e convexo da chuva que tardava a cair, que provavelmente, anunciavam os jornais, não cairia nunca. Pen-

sa Os comentários que terão feito os teus camaradas de Partido ao anunciar-lhes que ias viver comigo: recriminações, advertências, troça, vai-nos trocar por um privilegiado, imagina, um aristocratazeco de merda, um explorador não assumido. E no entanto eu não tinha dinheiro, cortara praticamente com a família, a nossa fortuna era o aquário do quarto e o peixe transparente a flutuar sobre os calhauzinhos do fundo, queria apagar de mim a minha história triste com a Tucha, começar do princípio, ser, presume-se, feliz.

— Os polinómios o que se sabe, as raízes quadradas um desastre — declarou o professor de matemática, de bigodes postiços retorcidos, erguendo um halter de papelão que anunciava a giz Vinte Toneladas. — Com um pai administrador de empresas nunca vi uma negação tão completa para os números.

O mestre de ginástica, vestido de branco, surgiu de trás do plinto, em flexões enérgicas de atleta. Um nariz redondo, vermelho, preso com elástico às orelhas, conferia-lhe um aspecto clownesco:

— Péssimo no espaldar, péssimo na corda, medíocre no andebol — proferiu ele num tom monocórdico e agudo. — Ficava sentado, quieto, magrinho, quase raquítico, a observar os outros.

Dois sujeitos de capacete conversavam junto a uma motorizada à entrada de Estarreja. Parou ao pé deles, baixou o vidro do carro, deitou a cabeça de fora e perguntou:

— Para a ria, se faz favor?

A humidade embrulhava-se nas palavras deles, um vapor demorado, envolvente, pegajoso: fevereiro, pensou, quem me manda a mim decidir da minha vida em fevereiro, querer tornar para os quartos alugados no inverno, a vinte escudos suplementares por banho, sem direito a visitas, sem direito a televisão, a ter de poupar no aquecimento, na água, no próprio ar que se respira. Quem me manda a mim mudar de vida aos trinta e três anos, que estúpido.

A Tucha endireitou um quadro na parede e recuou dois passos para verificar o efeito:

— Apesar destas guerras gostava de ficar tua amiga. Se quiseres, claro, não te obrigo. Temos dois filhos em comum, não é?

— As crianças, coitadinhas — disse a mãe a servir o chá às visitas imóveis como estátuas de cera, muito direitas nos canapés da sala. — Que culpa tiveram elas de vir a este mundo? Eu nunca me separei do meu marido apesar das razões de sobra que ele me deu.

— Mal se lhe percebia o corpo — esclareceu o Carlos —, comido pelos pássaros, pelo lodo da ria, pelo tempo que demoraram a encontrá-lo. O inspector da Judiciária contou-me que não é fácil topar um morto no meio dos juncos, e depois as gaivotas disfarçam, fingem que não conhecem, que não entendem, que não cheiram. As gaivotas, os albatrozes, os patos, aquela fauna insólita do mar.

Um dos sujeitos abandonou a motorizada, aproximou-se do automóvel. Visto assim de perto afigurou-se-lhe mais velho, mais gasto do que de início supusera, com vincos escuros nas bochechas e as mãos inchadas e vermelhas de frieiras e de calos:

— Daqui direito à Murtosa e a seguir está sempre assinalado Estalagem como se fosse uma cidade. De Aveiro para o outro lado só de barco.

— De repente eis-te nas tintas para a tua carreira, o congresso, a tese sobre o sidonismo, o doutoramento, que bicho te mordeu? — disse a Marília. — Quase que dá ideia que a vida cessou de ter razão para ti.

— Amigos uma porra — respondeu ele —, por mim podes enfiar a amizade pela peida acima.

E aos gritos, roxo de raiva:

— Com quem te preparas para te enrolar, minha cadela?

— Não contes comigo para isto — avisou o pai exibindo a pontinha do mínimo. — Só me faltava um filho armado em parvo a conspirar contra o governo. A política é um assunto sério demais para miúdos.

— Bom, vou dar-lhe um lugar de assistente — disse o velhote de bigode, instalado por baixo de uma gravura

confusa de batalha, em que tipos de espada em riste (Castelhanos?) se massacravam jovialmente, numa alegria furiosa. — Não há quem se interesse a sério pela Primeira República e você pode dar-nos um contributo interessante. Agradou-me a faceta psicossocial do seu estudo sobre as origens remotas do 5 de Outubro, embora algumas das suas teorias se me afigurem discutíveis ou fantasiosas. (Os pássaros quando morrem — explicou o pai — flutuam de barriga para o ar no vento.) Um pouco menos de Freud e mais objectividade não lhe fazia mal. Mas enfim, acerca deste último aspecto o Oliveira Martins não era muito diferente de si.

Nessa época eu usava lentes à Gramsci, era gordo, borbulhento, e o cabelo não me começara ainda a cair: uma auréola de caracóis oleosos cercava-me as bochechas mas o meu pai era rico, Tucha, e eu um marido de certo modo complacente: saías tantas vezes sozinha logo desde os primeiros meses de casada, passavas tantas horas fora de casa, tinhas tantas reuniões do emprego à noite, secretariavas um vago amigo do teu pai numa empresa qualquer de contentores, angariavas seguros para ganhar dinheiro: vestidos, sapatos, ski na Serra Nevada no Carnaval, fins-de-semana em grupo (em grupo?) no Algarve. Havia um homem casado, bastante mais idoso do que tu, de que nunca conheci o nome, em qualquer ponto da tua história: haveria, ao longo da nossa relação, outros homens mais idosos, outros mistérios? A manhã de azeite impregnava os gestos da Marília do seu peso triste:

— Assim de supetão para a ria de Aveiro, chiça. Há alturas em que pergunto a mim própria porque é que te aturo.

Caprichos negros, raivosas melancolias, ânsias da cor das nuvens que se avolumavam no mar, almofadas e almofadas sobrepostas, repletas de duplos queixos, de tafetá. A voz irritante do sujeito minúsculo a dar-lhe palmadinhas benévolas nas nádegas, diante dos tipos à paisana que guardavam a porta. Da melancolia dos pinheiros pendiam longas e pesadas lágrimas transparentes, o que raio de caraças me levou a ligar-me a um burguês, a mulher de cabelos grisalhos que passeava o cão num parque estrangeiro tirou os óculos

escuros e sorriu: os olhos desapareceram num amontoado de rugas:

— Não me recordo bem do meu primeiro marido — hesitou ela —, passaram-se vinte anos e a pouco e pouco vamo-nos esquecendo das pessoas. Lembro-me que se não queria separar, fez um escarcéu dos diabos, partiu loiças em casa, acordou os vizinhos. As fúrias dos fracos, percebe, as zangas patéticas dos inseguros. Viveu depois um período com uma comunistazeca qualquer, uma colega, uma daquelas de poncho vermelho e socas veementes, e a seguir suicidou-se, apareceu podre nos caniços de Aveiro, na lama, rodeado de pássaros. Devia ir a um congresso qualquer e não pôs lá os pés, andava de resto a faltar sempre aos compromissos que tinha. E depois, sexualmente, nunca vi um aselha tão grande, não conseguia a erecção, enervava-se, desatava a pedir desculpa, a chorar. Não entendo o seu interesse, não há de certeza muita gente que se preocupe com ele.

— Três quilos e duzentas ao nascer e algumas dificuldades em pegar no peito — leu o pediatra trôpego consultando a ficha. (Ninguém aguardava na sala de espera.) — As doenças habituais da infância, vacinas em ordem, operado de fimose aos oito anos.

Levantou devagar os olhos do papel:

— Sabe seguramente o que é, esse problema do pénis em que a pele não desce.

Vamos chegar a Aveiro, Marília, os letreiros da pousada multiplicam-se, Pousada, Pousada, Pousada, Pousada, setas a apontarem a névoa da manhã, um odor de água podre, uma suspeita de areal, e não pensei em nada para te dizer, não encontro palavras na cabeça que te expliquem o que sinto e o que não sinto, a minha gana de fugir de novo, de me virar do avesso, de partir, ficando, neste país de merda, à roda destes cinemas, destes bares, destes amigos barbudos prolixamente artistas, a resmungar o que não realizavam nunca diante de uma cerveja solitária. Já não gosto de ti (alguma vez gostei?), prefiro viver sozinho por uns tempos (cheguei a querer outra coisa, caralho?), preciso do quotidiano sem amarras, topas, sem cor-

das a prenderem-me os braços e as pernas (apressar-me-ei a arranjar outras, descansa), tenho os filhos a crescer e necessito de tempo para eles (há quantos fins-de-semana os não procuro?), vamos chegar a Aveiro e esqueci o odor dos teus cabelos, a forma do teu peito, o lento modo de seiva como as tuas coxas se humedecem. Quando havia parentes o meu pai desdobrava o écran de tripé ao fundo da sala, montava o projector, apagava as luzes, um rectângulo branco surgia a tremer na tela, traços e cruces vermelhas vibravam e dissolviam-se, um cone de luz onde o fumo dos cigarros se enrolava em volutas lentas sobre as nossas cabeças, e nisto o mar repleto de albatrozes, a linha romba da espuma, a extensão horizontal, cor de serradura, da praia, e de novo os albatrozes evoluindo na esquadria de azul denso do filme, a forma afuselada dos corpos, os bicos páli-dos abertos, os espanadores achatados das asas, dezenas, centenas, milhares de pássaros de que se imaginavam os crocitos, os gritos, os leves gemidos de criança, pássaros pousados nas rochas desafiando-se ou combatendo-se, enfunando o peito, furibundos, apaixonados, alegres, chamando-se, provocando-se, afastando-se, o meu pai só filmava pássaros e os convidados bolsavam comentários doutos e patetas, acendiam charutos, deitavam cubos de gelo nos copos de uísque, a voz minúscula ao telefone endureceu de súbito, autoritória e surpreendida:

— Letras? Porquê Letras se só dá para professor de liceu a tuta-e-meia por mês? Tem juizinho, menino, Económicas ou Direito, agora Letras que estupidez pegada. Conheces alguém formado em Letras a dirigir uma empresa?

— Recusa-se a trabalhar para nós — informou o amigo do pai, de óculos bifocais, que dirigia o escritório de Londres, sublinhando a lápis escarlata passagens dactilografadas de um dossier enorme. — Desinteressa-se completamente do que é dele, do que virá a ser dele um dia, os cunhados comem-lhe as papas na cabeça em menos de um fósforo e o tipo às voltas, feito cretino, com o D. Afonso Henriques e o D. Pedro IV, velharias tontas por quem ninguém se interessa, leva os dias nas bibliotecas a consultar manuscritos. Francamente não sei onde é que foi buscar essas manias.

— Letras — perguntou a mãe de testa franzida —, o que é isso?

Baralhava as cartas numa destreza de prestidigitador, distribuía-as rapidamente, ao longo do pano verde, pelos parceiros de jogo, e agora tens um cancro, estás pálida, magríssima, vais morrer, a prima desocupada assiste a tricotar à tua agonia solitária, o telefone tocará se calhar no fim-de-semana no quarto de hotel onde não estou, a minha irmã mais nova aos soluços O padre saiu agora mesmo daqui não era má ideia que viesses, mas segui para Aveiro, mana, a explicar, que egoísmo, os pássaros a mim mesmo, as gaivotas que se percebem agora, ao longe, para lá dos pinheiros, em voos circulares ou longas elipses ascendentes, segui para Aveiro e quero que vocês se lixem todos mais as vossas desgraças de família, as vossas mortezinhas tão longe de mim como a casa da quinta, em pequeno, se o meu pai me pegava ao colo para me falar das aves sob o castanheiro enorme, quero que tudo se lixe menos este aroma de água podre aonde chego, estes salgueiros, estas ervas, estas árvores sem nome, Ao menos que a cama não seja muito mole, diz a Marília, não consigo dormir em camas moles porque até os sonhos se me afundam, já resignada, já humilde, já pronta à segurança de umas tréguas duradoiras, Esta mulher gosta de mim, pensou ele surpreendido a ultrapassar um tractor, esta mulher, que esquisito, gosta sinceramente de mim, mais névoa, mais pinheiros, nenhuma casa agora, só a terra e a água, ambas horizontais e cinzentas, aproximando-se e confundindo-se, reflectindo-se uma à outra como espelhos paralelos que se observam, Qual delas é a real, rapaz, distingue a autêntica da falsa sem lhe tocares, ordenava a professora de geografia, homens escuros pedalando ao longo das bermas, pela estrada, a caminho de quê?, a curvarem sobre o volante as costas largas e inchadas, Letras, repetia a mãe de testa franzida, o que é isso de Letras, Como é que dormem os pássaros, perguntou-se ele à procura de cigarros pelos bolsos, meu Deus a espantosa quantidade de coisas que ficaram por elucidar na minha infância, o escuro, o sol, a chuva, o riso das pessoas, e nesse instante uma casa isolada à borda de água junto a peque-

nos botes podres ancorados presos ao lodo por âncoras e cordas, dois ou três automóveis de matrícula estrangeira (franceses? ingleses? alemães?) estacionados à porta, tirámos os sacos do carro, como de costume a mala recusava-se a abrir, recusava-se a fechar, teve de apoiar as mãos com toda a força na chapa até ouvir um estalo tranquilizador, já está, a Marília, muito direita, isolada, de pé, cerca da areia, contemplava o rio que deslizava sem uma prega na direcção de mares improváveis, uma vez que só a névoa e os troncos e o silêncio os rodeavam, na manhã subitamente imensa sem postigos de azul, pegou na mala, num volume, noutro volume mais pequeno, tu agarraste naquela coisa preta e envernizada, parecida com a dos médicos de lacinho dos filmes de caubóis (Onde está o ferido xerife?), de transportar os objectos miúdos de toilette, Aquele homem ali, Doutor McGraw, estendido nos estilhaços do espelho do saloon, e seguiram um atrás do outro, sem falar, a caminho da estalagem, a entrada envidraçada, English spoken, emblemas de papel de associações de turistas colados junto ao trinco, centenas de gaiivotas vogavam em silêncio na baía sem limites, como que poisadas ao de leve numa película metálica, sem reflexos, havia uma senhora de óculos no balcão à direita, anotando um livro qualquer de contabilidade, com as chaves dependuradas num armarinho atrás das costas, e uma espécie de cascata profusamente enfeitada de flores mais para além, um subalterno alto e magro, de colete e sapatos de polimento, subia escadas ao fundo, Queríamos um quarto até domingo disse eu, a senhora de óculos prosseguiu as suas somas, imperturbável, as gaiivotas lá fora bailavam agora docemente numa oscilação imperceptível, um meneio, Um quarto até domingo repetiu ele com força deixando cair a mala e o saco maior, plof, plof, num ruído de corpos mortos, nos azulejos do vestíbulo, cartazes de propaganda de Espinho e Armação de Pêra, o galo de Barcelos do costume numa prateleira, um cinzeiro de barro com uma beata mal apagada a arder ainda, a senhora míope, sempre de queixo baixo, estendeu-nos sem nos ver uma ficha de cartão, Uma esferográfica, pedi eu à Marília que cirandava de cartaz em cartaz numa curiosidade irónica, Que país de

merda o nosso denunciavam as caretas dela defronte das paisagens de papel, que país verdadeiramente de merda o nosso, Como sempre que estás zangada ou perplexa comigo as tuas raivas tornam-se cósmicas, pensou ele, abarcam em círculos concêntricos o universo inteiro numa só onda de azedume, gosto de Espinho, gosto de Armação de Pêra, gosto de Barcelos, gosto de Campo de Ourique aos domingos quando não estou constipado, o Benfica ganhou, é verão e não me dói a coluna, gosto de ser daqui e estar contigo às vezes, um ramo qualquer roçava as madeixas secas de melena de velho contra os caixilhos e o som raspava-me as orelhas como o giz do professor na escola, empurrei a ficha, a senhora dos óculos estendeu o braço às cegas, sem me olhar, colheu uma chave com a delicada destreza surpreendente das pinças cirúrgicas, entregou-me, levantei a cabeça e defrontei-me com os olhos enormes que as dioptrias desmedidamente aumentavam, um par de insectos repelentes cercados das infinitas patas das pestanas, as gaivotas levantaram todas voo ao mesmo tempo, descreveram um semicírculo ascendente no nevoeiro, sentaram-se na baía mais próximo da foz, quis começar a individualizá-las, a contá-las, uma duas três quatro cinco seis sete e oito, ia chegar a dezanove quando tu me chamaste, Rui, faltavam-me tantas gaivotas ainda na cabeça, tantas gaivotas na manhã lúgubre saturada de frio e de humidade, um tipo também de colete e sapatos de polimento mas mais idoso agora, de feições gretadas, com aquele aspecto de animal humilhado dos camponeses e largo tronco ossudo de mula (Devem-lhe pagar menos que aos restantes) transportava a nossa bagagem pelo corredor fora, quartos com números de metal, uma passageira exausta, aguarelas pífias nas paredes, uma empregada de bata castanha cruzou-se com eles a arrastar um aspirador cuja tromba mole pendia como a de um elefante morto, É aqui disse o camponês a lutar com uma fechadura tão renitente como a da mala do carro, uma entrada muito estreita com a tabuleta dos preços num caixilho, um compartimento às escuras onde se distinguiam brilhos de toalheiro (Os sabonetes pequeninos, pensou, odeio os sabonetes pequeninos que colocam inevita-

velmente nos lavatórios dos hotéis, muito bem embrulhados em papel de prata com florinhas), duas camas de colcha de ramagens, a carrapeta da campainha numa das cabeceiras, uma cómoda de espelho e nós os três do outro lado, idênticos mas canhotos, fitando-nos mutuamente com ar sério, Nunca me habituei a ser crescido, pensou, que estupidez tudo isto, até sei lá quando o meu pai resolvia estes assuntos por mim, escolhia o sítio das férias, pagava as gorjetas, mandava consertar o automóvel, os pequenos dramas da vida aplanavam-se um após outro com uma facilidade de milagre, O professor de matemática dá-te a nota e não te metas em mais sarilhos para o ano, Tens a hora do dentista marcada esta semana, Depois de amanhã apresentas-te no Estado-maior ao coronel Barroso e ele resolve-te a situação num ai, o pai, os amigos do pai, os estratégias do pai, o poder do pai, o dinheiro do pai, e agora reduzido a fazer contas de cabeça a fim de saber se o cheque com que ia pagar a estalagem no domingo teria cobertura, o camponês correu uma cortina para o Vouga e ele reencontrou a tranquila lâmina da água, o que se assemelhava a uma espécie de vento ao rés das ervas, a mãe conversava de criadas com as amigas, Explica-me as aves pai, meteu vinte escudos muito dobrados na mão do homem, a porta fechou-se, ficaram sozinhos, e sucedeu nele o mesmo pânico da tarde em que teve relações pela primeira vez, perguntou tudo ao cunhado mais velho, como é que se põem as pernas, como é que se põem os braços, o que é que eu faço, a rapariga sorria da cama, lençol puxado até ao pescoço, Chega aqui garoto que dá sorte um putto e ando em maré de porras, pertencia ao género patético, rico em desgraças complicadas e inimagináveis, o suicídio do marido, a morte do filho, alguns meses trágicos de sanatório, Vês esta cicatriz de pneumotórax nas costelas?, acabou sentado no colchão, a correr-lhe os dedos nos cabelos e a sentir-se adulto e responsável, Hás-de casar de novo e hás-de ser feliz percebes, os sovacos dela possuíam um cheiro penetrante e desagradável (Alho?), a boca correu-lhe pelo peito abaixo, demorou-se a lambar-lhe o umbigo, as virilhas, os testículos, estendido nos lençóis, de olhos fechados, torcia-se de um prazer

desconhecido, sucessivas ondas que inchavam pele acima, pensa Vou tomar conta de ti, regenerar-te, em acabando o sétimo ano arranjo um emprego e uma casa em qualquer sítio, o que não falta são casas, prefiro a Estrela ou um bairro em que se veja o rio, metes o casaco de leopardo sintético e vamos ao cinema aos sábados, dramas de amor no Odeón, O Casal Modelo Constituído pelo Rebento do Engenheiro e a Antiga Prostituta Recebidos pelo Papa, a língua demora-se ao comprimento do pénis até os beijos engolirem o meu cilindro que goteja, vermelho de tesão, Repara como incho, vou-me vir, o que farás (cuspir? engolir? cuspir? engolir? cuspir? engolir?) ao que vou deitar de mim, e logo a seguir Ora passa para cá duzentos não custou nada pois não?, nem sequer tirou o soutien preto com uma rosa de renda ao meio, se calhar até o filho foi mentira, desceu as escadas com o desgosto do mundo com que imaginava os tipos que se lançam dos viadutos a debruçarem-se da muralha, seguiu a pé, até São Pedro de Alcântara, a dar chutos nos papéis que encontrava e a congeminar uma forma eficaz de se vingar do universo inteiro, apertou as mãos no parapeito gelado de ferro, cidade de trampa, pensou ele, cidade podre de trampa, tantas casas e tantas ruas cheias de sacanas e merdosos dentro, tinha encostado a testa aos caixilhos da janela para observar o rio e o movimento dos pássaros, e o espelho do quarto da estalagem devolvia decerto, por trás dele, as costas sem energia nem músculos dos seus trinta anos, guardaram a roupa nas gavetas sem falar, lavou os dentes para extrair da língua o gosto amargo do tabaco, cá estou eu de novo com a espuma a escorrer-me pelo queixo, e estes vincos, e estas olheiras, e estas entradas de septuagenário, puxaste as calças, Marília, as cuecas, sentaste-te na retrete para urinar numa escala de harpa com os cotovelos nos joelhos e as palmas no queixo e a tua ausência de pudor enojou-me, podias esperar que eu sáísse para fazeres isso, limpares-te, como de costume, com papel higiénico a mais, uma fita enorme, interminável, rasgada com raiva do suporte, filha de proletários e comunistas mas gastadora como o raio, a quantidade de pasta, por exemplo, que estendias na escova, os banhos de imersão até à borda, o piloto

do esquentador eternamente aceso como um pavio votivo, e as cuecas para cima, os collants, as calças (é preciso abanar as ancas, como um peru, para caberes nelas), o cabelo curto penteado ao acaso com as mãos, a pintura nenhuma, a camisola largueirona de homem a cair por ti como a carne pelos ossos das pessoas que emagrecem, a Tucha demorava horas a arranjar-se, pintava os olhos com um lápis preciso, espalhava sombra nas pálpebras com uma escovinha, mas observando de agora, à distância, o meu tédio é igual, o meu desejo de solidão idêntico, a minha ânsia de silêncio a mesma, quero simultaneamente que me deixem em paz e não me deixem em paz, que me amem e não me amem, que me chamem e me esqueçam, a Tucha ajeitou melhor o retrato de nós os quatro na cómoda e perguntou num tom amigável de conversa:

— Uma vez que está tudo definido em que dia saís então?

Dois casais idosos de estrangeiros almoçavam, cada qual na sua mesa, na baía envidraçada da sala de jantar vazia, onde o empregado magro empurrava um tabuleiro de dois andares de queijos e tortas, e quando se sentaram um diante do outro, como para uma partida de xadrez, um dos velhotes sorriu-lhes. A água afigurava-se-lhe deslizar ao contrário, lentamente, cor de chumbo fundido, arrastando as suas aves inumeráveis. Um barco enorme, de vela amarelada, passou junto à varanda, tripulado por três homens confusos. Um cão inlocalizável ladrava. Um sujeito de casaco encarnado recolheu, aborrecido, os menus (com um cordel ao meio para quê?).

— Aveiro — disse a Marília como se anunciasse uma última paragem. — Aguarda-se a grande cena.

— Para mim tratava-se de hóspedes absolutamente iguais aos outros — afirmou a senhora de óculos da recepção, piscando os olhos gigantesco. — Não faço distinções entre clientes.

O consomé era de pacote vulgar (Condenado toda a vida, da infância à morte, a comer sopa de pacote, verificou ele com resignação), os ovos pior cozinhados que os da cria-

da antiga dos pais, que se matrimoniou à beira dos cinquenta anos (Casou cá de casa, orgulhava-se a mãe) com um guarda-fiscal estrábico e eu fui padrinho do filho, um pateta que lhe aparecia no Natal, vestido de pied de poule, na mira sôfrega de uma nota, Boas-festas padrinho, e ele em silêncio Vai para o caralho mongolóide, o afilhado fitava-o sem despegar como as cadelinhas com fome, a entortar com os pés tímidos a franja do tapete, a carne sem sabor aparentava-se a um aglomerado de gordura com batatas e plantas murchas em volta, os ingleses (havia jornais ingleses em cima das toalhas deles) conversavam de mesa para mesa os seus borborismos educados, pela porta aberta da cozinha avistava-se uma vassoura diligente a varrer os azulejos do chão, recostei-me para trás na cadeira, pedi dois cafés, A maior parte dos pássaros, explicou o pai, tirando os periquitos, os papagaios e assim, vivem muito pouco tempo se não morrem à nascença, há os que emigram no inverno para países mais quentes, os que não conseguem executar a viagem e se ficam no caminho, os que os mochos e as corujas devoram se os pilham atrasados ao entardecer, retardatários, a tentar escapar à noite a caminho da mata, Deu-me a música toda não há dúvida, pensou ele no jardim de São Pedro de Alcântara, a espiar os telhados, o labirinto das ruas e o azul pálido do céu numa melancolia sem nome, a música toda e eu tão cretino que acreditei, uma cabra peluda que nem a roupa de baixo se dignou tirar, Vem-te meu lindo na minha boquinha, que salgada a água da tua piloca, Obrigado disse ele numa súbita brusquidão, não quero bolo nenhum, não quero fruta, deu um piparote no saquinho de açúcar, rasgou-lhe um dos ângulos, verteu o conteúdo no líquido castanho, Para Letras só seguem meninas e maricas observou o Carlos, a mãe disse que se quisesses te pagava um curso de jornalismo em Bruxelas, as belgas são boas como o milho, divertias-te à bessa, Até ao fim do mês no máximo concedeu a Tucha, não faz sentido nenhum continuarmos desta forma, levantou-se, andou para trás e para a frente na sala, imobilizou-se diante da estante dos livros, com fotografias de bebés e de adultos risonhos encostados às lombadas:

— Por causa das crianças — argumentou ele —, o único ponto que me interessa é as crianças.

— Os meus netos são pequenos profundamente traumatizados — disse a mãe, de cabeça sob o secador, enquanto a pedicura, de joelhos, lhe ajardinava os pés, lhe limava os joanetes, lhe pintava as unhas. — Urinam na cama até aos treze anos e qual é a criada que atura isso hoje em dia?

— Um bebé absolutamente vulgar — concluiu o pediatra entregando a ficha à enfermeira — até que a certa altura o perdi de vista e nunca mais o examinei. Deve ter trinta e três, trinta e quatro anos agora, não?

— Consultei um psicólogo — disse a Tucha — e ele garantiu-me que a solução ideal para os miúdos é a de viverem sozinhos comigo, sem discussões, sem atritos, sem as birras constantes de nós dois.

Os biberões, as fraldas, as gravidezes principalmente, a tua enorme barriga a dançar sobre as pernas inchadas, idêntica a um ganso de plástico com corda, os exercícios ridículos do parto sem dor, vinte mulheres deitadas e pançadas a respirarem a compasso com os maridos a segurarem-lhes na mão (Parece que transportamos bichos estranhos e repelentes pelas trelas dos braços), acordar a meio da noite e sentir que a tua cara se prolonga numa espécie de torso de baleia ancorada, arfando docemente contra as rugas de espuma das fronhas, o cheiro desconhecido da tua pele, o peixe esquisito que te habita, enrolado, os intestinos, o teu sorriso pálido na clínica estás contente amor, as mãos brancas, a barriga achatada. Pensa Como é possível ter mudado tanta coisa, como se compreende esta frieza, esta distância, este repentino intervalo entre nós dois? Talvez que fôssemos demasiado jovens, demasiado ingénuos, talvez que o tempo e as mentiras e os erros se não compadeçam da gente, nos não perdoem a mínima falha, o mínimo desvio de cálculo, a mínima desatenção: em que ponto da nossa vida em comum me distraí?

— Podemos sempre tentar — insistiu ele —, nada é irreparável.

Acabaram de beber o café, voltaram para o quarto. Os barcos ancorados desbotavam-se como os cabelos antigos, os pássaros flutuavam de leve na lagoa, na margem oposta algumas chaminés extraíam-se verticalmente, desenhadas a carvão, do cinzento esfumado da bruma, que formava como que uma espiral sobre o edifício solitário da estalagem. Sentou-se na cama para tirar os sapatos (havia o desenho de um navio verde à cabeceira numa moldura de ráfia), e estendeu-se na colcha, de barriga para o ar, enquanto a Marília lavava os dentes no compartimento ao lado (lavava continuamente os dentes, que exagero, com aquele ruído desagradável da escova contra o esmalte, ao acordar, a seguir às refeições, ao deitar): tinha sido diferente com ela, uma coisa lenta, pausada, sem entusiasmos excessivos, mas em contrapartida podia falar do que lhe interessava, do que o entusiasmava, do Partido, com a sensação de que o compreendiam, o aceitavam, dialogar, escutar em troca as opiniões do outro, filmes, livros, a Faculdade, as suas aspirações grandiosas e confusas, os seus sonhos veementes de reformular o ensino da História, uma noite ficaram a conversar até mais tarde, doíam-lhe os olhos dos cigarros que fumara, uma espécie de claridade azul alastrava no céu, Porque é que amanhã não trazes a tua roupa para cá, sugeriu ele a meio de uma discussão qualquer acerca de Michelet ou de Toynbee, Aquelas são as catatuas, disse o pai, aqueles os milhanos, aquelas as águias, aqueles de bico comprido os íbis, iam os dois ao Jardim Zoológico para observar os pássaros de perto, as retinas ferozes de cristal, as garras das patas, o modo como as penas se organizavam nas asas, as maiores, as mais pequenas, os pelinhos claros do peito, os corvos andavam como nós no chão de cimento repleto de dejectos e de cascas, as cegonhas pareciam-se com um amigo do pai que levantava imenso os joelhos ao andar, os pés das avestruzes, torcidos por sapatos apertados, comoviam-no, o pai disse Cada som deles significa uma frase diferente, nós é que ainda não crescemos o suficiente para compreender certas linguagens, certos acenos de cabeça, o desenho, por exemplo, dos voos, a Marília extraiu um livro de capa berrante do saco e sentou-se a ler no colchão

dela no ar resignado com que as esposas fazem crochet nos automóveis estacionados à volta dos estádios da bola, as molas protestavam aos guinchos quando um deles se ajeitava melhor nas almofadas, a irmã mais nova, de pálpebras inchadas, vestida de preto, abriu a porta do carro e disse:

— Recuso-me a fazer declarações à imprensa, vocês dos jornais deturpam tudo.

— Não quero não quero não quero — disse a Tucha com raiva — e acho que devias aprender a aceitar as coisas como são. As relações morrem.

Pensa Isto não é uma frase tua, andaste a aprendê-la em qualquer sítio, no psicólogo, com uma amiga, um amante, no decurso de um desses telefonemas intermináveis em que te fechas no quarto para arrulhar parvoíces no bocal. Pensa Odeio-te, hei-de pôr os nossos filhos contra ti, envenená-los subtilmente, gota a gota, domingo após domingo, A vossa mãe não quer viver comigo, A vossa mãe não quer que vocês tenham um pai, A vossa mãe quer-me substituir por outro, virei para a sombra da tua casa, à noite, com uma tranca, e parto os cornos a quem lá entrar, às onze um cabrão arruma o carro, aproxima-se, toca a campainha, e eu a bater de manso com o pau na minha própria coxa Se é para falar com a mulher fale antes ao marido seu artolas, o tipo recua, aflito, hesitante, Enganei-me na porta ora deixe cá ver, num pobre sorriso de derrota disfarçada, Pois claro eu ia para o cinquenta e seis este é o cinquenta e quatro desculpe, avanço dois passos, divertido por dentro, carrancudo por fora, É possível mas em todo o caso a sua cara não me é estranha, chegue-se aqui à luzinha do candeeiro para eu o observar melhor, Enganei-me no número é tudo, tenho de me ir embora que ando cheio de pressa, geme o gajo, Cagado de merda, penso eu, que te fodo os tomates com o chuço, os tomatinhos do tamanho de ervilhas cozidas, a testa dele é um aglomerado de rugas de pânico, trota de viés, disfarçadamente, no sentido do automóvel estacionado, procura meter-lhe a chave sem que eu visse, pirar-se, desaparecer, fugir, agarro-o pela gravata e a expressão estrangulada vem atrás, O que é que você quer o que é que você quer o que é que você

quer, gane ele a medo, O que é que o senhor pretende corrijo eu a aplainá-lo no capot, a empurrar-lhe as costelas com o joelho, a Marília pousa o livro na mesa de cabeceira, deita-se de lado na cama separada da dele por um tapete horrível, fecha os olhos mas sei que esperas que eu fale, que imaginas que engendro alguma coisa, que sob as pálpebras descidas os teus olhos me espiam inquietos, que me achas esquisito, agitado, infeliz, levanto o telefone, peço o número da clínica, que raio agonizar nas Amoreiras, Santo Deus, O quarto dezassete por favor, Um momento responde a voz da coruja apaixonada, alguns ruídos, guinchos, estalos, Sim, diz a prima, Sou eu, diz ele, como vai a mãe, Razoavelmente, responde a prima depois de uma hesitação, queres falar com ela? Não, responde ele, era só para saber como andam as coisas, Não te apoquentes, diz a prima numa jovialidade forçada, ocupa-te lá do D. Dinis que a gente governa-se por aqui, O pai apareceu, pergunta ele, novo silêncio desta feita mais breve, Telefonou do aeroporto, diz a prima, está de partida para a Escócia mas vieram as tuas irmãs e se quiseres algum recado, desligo de súbito, fico a olhar o estuque do tecto, o candeeiro de palhinha, a ria que escurece lentamente, o que é que as gaivotas vão fazer agora, pega-me ao colo e explica-me como é que as aves adormecem, a noite vai engolir os barcos e os pássaros, as chaminés de Aveiro, as luzes que estremecem, indecisas, muito ao longe, Então, diz a Marília, buscando às apalpadelas os cigarros na mesinha, acende um pelo filtro, lança-o fora, recomeça, Que te importa a ti a minha mãe, no fundo que me importa a mim a minha mãe, desenha uma argola de fumo com os beiços, Então o quê, diz ele.

— Desapareceu no domingo e a mulher pagou, levou o carro do casal e abandonou a estalagem no dia seguinte — esclareceu um homem magro, em camisa, instalado num gabinete repleto de ficheiros metálicos. — Houve provavelmente uma zanga entre ambos, os casais são imprevisíveis, nunca sabemos o que vai sair dali. Eu fui ao registo uma vez e jurei para nunca mais.

A Tucha ajudou-o a carregar as malas até ao elevador e deu-lhe um beijo na bochecha:

— Adeus — disse ela sem emoção nenhuma. E no entanto a tua boca, o teu cheiro, a excessiva proximidade do teu corpo, picaram-me as pálpebras de um ácido esquisito. Lágrimas?, pensa ele, indignado, vou desatar a chorar no capacho como um vitelo? Empurrou a porta do elevador, carregou no botão, algo de indefinido mudou na minha vida. Quedou-se a mirar o prédio e a seguir afastou-se em passadas pequeninas, embaraçado com o peso da bagagem.

— Não me queres contar o que se passa? — disse a Marília.

— Um, dois, três explicadores, os que forem precisos mas esse madraço que me não chumbe o ano — berrou o pai na sala, de pé, para a mãe que o escutava sentada, de olhos baixos, a agitar a compasso as agulhas de tricot. (Não me podia ver porque eu estava na moldura da porta e ele de costas para mim, junto dos sofás por estofar.) — Só um idiota daqueles é que não aprende a matemática, o que lhe ensinam no liceu qualquer atrasado mental decora.

— Prefere Letras — revelou a mãe —, confessou-me a semana passada que queria estudar História. Fiquei banzada.

O pai deu um murro no bar Arte Nova, as garrafas e os copos saltaram:

— Letras? História? — (Falava devagarinho numa surpresa imensa.) — Tens mesmo a certeza que esse parvo é meu filho?

À esquina da rua, com uma mala de cada lado, não arranjava táxi. As lágrimas corriam-lhe sem esforço ao longo do nariz, reuniam-se na cova do queixo num pequenino lago, uma ou outra, transviada, molhava-lhe a camisa. E no entanto, pensava ele agora, não gostava dela, era impossível que gostasse verdadeiramente dela, não possuíam nada em comum que os ligasse, salvo a mesma origem decadente e a mesma incurável adolescência à deriva: dois putos num quarto de brinquedos, sem saber o que fazer deles próprios e dos seus projectos sem sentido. Ter-se-ia tornado adulto desde então? Adulto por dentro, responsável, capaz, com força para o absurdo cretino do dia-a-dia?

— As pessoas que por mais que procurem não encontram um sentido para a vida — perorou o psicólogo desenhando cuidadosos círculos a lápis numa folha de papel — constituem sempre suicidas em potência. Mais tarde ou mais cedo o vazio dos seus quotidianos acaba por os lançar numa angústia de ratos de laboratório claustrofóbicos, e então temos os comprimidos, o gás, a força, a bala, o ácido sulfúrico, os oitavos andares, a faca, a electricidade, o viaduto, o pesticida das vinhas, o petróleo, o mar: a imaginação deles, senhoras e senhores, não possui, literalmente, limites.

— História uma grandessíssima gaita — urrava o pai a erguer o copo de uísque à altura das pupilas para se servir de uma garrafa facetada de cristal, pousada com uma dezena de outras numa mesa antiga de gamão —, eu dou-lhe a História, minha linda. Um inútil que não percebe nada de nada, um calão, um ralaço, uma criança, esse fulano não tem querer. Económicas, Engenharia ou Direito e é um pau. História, calcule-se, História, um infeliz sem a noção dos logaritmos.

A luz entrava pelas varandas da sala, atravessando, prateada e irreal, as buganvílias e as roseiras bravas do jardim, e os corpos deles, os móveis, os quadros nas paredes, os objectos miúdos que invadiam a casa, pareciam imponderáveis e suspensos na claridade cintilante, como se um vapor de hélio lhes inchasse nas veias. Os cabelos da mãe detinham a misteriosa textura angélica das fadas, o vestido ondulava devagar, insuflado por uma brisa inexplicável. Comecei a subir as escadas para o meu quarto sem tocar na passadeira, e qualquer coisa de elástico e esponjoso me fazia, por assim dizer, voar.

— A partir do dia em que nos separámos — declarou a mulher dos óculos escuros que passeava o cão no jardim de uma cidade estrangeira —, praticamente nunca mais o vi. Divorciou-se por procuração, estava em Estrasburgo com uma bolsa de estudo.

A ria desaparecera por completo, transformada num fundo lago sem margens, ponteados de raras luzes assimétricas, desprovidas de brilho. Não se topava nenhuma ave, nenhum barco, e os próprios gestos deles eram invisíveis na sombra.

— Já não nos servem de certeza jantar a esta hora —
ciciou a voz sem carne da Marília, reduzida aos arabescos cor
de laranja da brasa do cigarro e à mancha sem arestas do seu
vulto. — Fecharam a sala de jantar e foram-se todos embora
assistir ao programa de televisão para aquela saleta pavorosa
estilo lar de idosos e convalescentes, com poltronas de inválido
diante do écran. Encontramos lá a equipa completa, vais ver:
a indiferente da recepção, os dois infelizes de colete, a criada
dos quartos que amanhã nos vai fazer a cama, sem nenhuma
mancha no lençol para contar aos outros.

Falava devagar, sem indignação nem zanga, mas eu
cessara por completo de a escutar: achava-me ao colo do pai,
sob o castanheiro do poço, numa tarde antiga que se não su-
mira nunca dentro dele (a mãe aguardava-os em casa, com um
livro nos joelhos, sorrindo), a ouvir a explicação dos pássaros.
Tão absorto que mesmo o rumor da água defronte da estala-
gem, debaixo da janela, o som dos anúncios da televisão e a
tosse dos ingleses no corredor haviam deixado de existir, para
darem lugar a um enorme, ilimitado espaço claro unicamente
habitado pelos gritos roucos das gaiotas.